

A relevância da tecnologia na transmissão das notícias televisivas, em tempos de pandemia

Um estudo com correspondentes internacionais

Gabriela Zottis

Orientadora: Prof. Doutora Alice Donat Trindade

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Ciências da Comunicação

Lisboa
2021

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

Agradecimentos

Ao meu fascínio pela descoberta do novo. Com esta dissertação concluo uma etapa importante, na qual contei com o apoio imprescindível de muitas pessoas. À minha orientadora, Professora Doutora Alice Donat Trindade, que esteve presente ativamente em todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa e ajudou-me a conduzi-la com sabedoria. À minha mãe Vania Regis Hertcert Zottis, que sempre me incentivou. Ao meu irmão Pedro Zottis Neto, exemplo de caráter e força. Aos meus afilhados Isabela Arla Zottis e Pedro Arla Zottis, além da minha cunhada Ana Lisboa Arla Zottis, que mesmo à distância, estiveram presente ao longo do meu processo de mudança de país e a realização do mestrado. Ao meu pai Laurentino Zottis (*in memoriam*) e à minha avó Maria Pereira Hertcert (*in memoriam*) que foram peças fundamentais no meu processo educativo e na formação do meu caráter. À minha madrinha, Vanja Rose Hertcert que me inspira pelo exemplo. Aos meus demais familiares e amigos, não menos importantes, que representam minha base de vida.

Gostaria de agradecer aos correspondentes internacionais, que foram entrevistados ao longo desta dissertação: Carolina Cimenti, Daniela Santiago, Felipe Kieling, Peterson Izidoro, Pedro Sá Guerra e Vinícius Assis, que apesar do cotidiano agitado, com afazeres jornalísticos e pessoais, dispuseram de tempo para contribuir de forma essencial à presente pesquisa.

Aos novos desafios.

Resumo

O presente artigo faz uma análise sobre a influência da tecnologia no processo de transmissão noticiosa. O estudo abordou as transformações na rotina jornalística, impulsionadas pelo imediatismo da contemporaneidade, sobretudo em tempos de pandemia, sob a ótica de correspondentes televisivos internacionais. A busca incessante pela rapidez na transmissão informativa trouxe à tona a presença massiva das ferramentas tecnológicas na produção jornalística.

Na fase inicial da pandemia de Covid-19 existia clara percepção nas audiências acerca da importância de informação atualizada. A necessidade de transmitir notícias de forma ágil e assertiva alavancou o movimento de utilização das ferramentas digitais no processo de produção jornalística e permitiu uma quebra de paradigma. Tornou-se essencial que as informações fossem transmitidas de forma transversal e em escala global.

Uma série de fatores contribuiu para tal transição ao longo dos últimos anos. No entanto, a pandemia de Covid-19 representou um degrau importante, uma vez que impulsionou a abertura de uma porta que estava entreaberta, para um novo horizonte, no qual a transmissão da notícia está intrinsecamente ligada a tecnologia

O presente estudo aprofundou-se no tema através do embasamento teórico, com as teorias de comunicação de massa: *framing*, *newsmaking* e determinismo tecnológico. Aliado a pesquisa qualitativa composta por duas fases empíricas. A pesquisadora entrevistou seis correspondentes televisivos internacionais, que forneceram dados para o trabalho com seus pontos de vista e suas experiências, para além de analisar peças jornalísticas que foram publicadas no período proposto.

Concluiu-se que a pandemia de Covid-19 veio quebrar padrões até então pré-estabelecidos nas grandes emissoras de televisão. Os correspondentes internacionais depararam-se com um momento de ruptura no processo de produção noticiosa. O conteúdo foi colocado à frente da estética, em diversos níveis e novas maneiras de transmissão passaram a ser incorporadas de forma natural.

Palavras-chave: Correspondentes internacionais, Globalização, Jornalismo televisivo, Pandemia, Tecnologia na transmissão da notícia.

Abstract

The present research analyzes the influence of technology in the process of news broadcasting. The study approached the changes in the journalistic routine, driven by contemporary immediatism, especially during the pandemic, through the vantage point of international television correspondents. The constant search for fast informative transmissions has brought to light the massive presence of technological tools in journalistic production.

In the early stages of the Covid-19 pandemic there was a clear perception by the viewers regarding the importance of up-to-date information. The need to transmit news in an agile and assertive manner has increased the movement of using digital tools in the process of journalistic production and allowed a shift in paradigm. It has become essential for the information to be transmitted in a transversal manner and in a global scale.

Several factors have contributed to such transition throughout the last years. Nonetheless, the Covid-19 pandemic represented an important step, since it drove the opening of a door that was ajar to a new horizon in which the transmission of the news is intrinsically connected to technology.

The present work goes in-depth into the subject through theoretical background, with the theories of mass communication: framing, newsmaking and technological determinism. It is associated with a qualitative study made in two empirical phases. The researcher interviewed six international television correspondents, which supplied the data for the work with their points of view and experiences, in order to further analyze journalistic articles published in the proposed time period.

It is concluded that the Covid-19 pandemic broke with the patterns until then pre-established in great television outlets. The international correspondents faced a moment of rupture in the process of news production. The content was placed ahead of aesthetics in diverse levels and new ways of broadcasting have been incorporated in a natural manner.

Key-words: Foreign correspondents, Globalization, Broadcast Journalism, Pandemic, Technology in news broadcast.

Índice

Introdução	10
1 - O Jornalismo e a Evolução Tecnológica	16
2 - Teorias de Comunicação de Massa. <i>Framing</i> , <i>Newsmaking</i> e Determinismo Tecnológico	17
3 - Transmissão Televisiva, Correspondentes Internacionais e a Evolução Tecnológica	20
3.1 - Correspondentes Internacionais	22
3.2 - <i>Kit-Correspondente</i>	24
3.3 - A Globalização da Notícia	26
3.4 - As Pandemias sob a perspectiva jornalística.....	27
3.5 - A Relevância da Pesquisa	28
4 - Opções Metodológicas	30
5 - Análise de conteúdo das entrevistas em profundidade	33
6 - As Técnicas Utilizadas e a Atualização dos Equipamentos	39
7 - Análise de peças Jornalísticas - Correspondentes Internacionais	41
7.1 - Análise 1. Peterson Izidoro, Correspondente Internacional - Rede TV - Brasil - Portugal	42
7.2 - Análise 2. Felipe Kieling, Correspondente Internacional - TV Band - Brasil - Reino Unido	46
7.3 - Análise 3. Vinícius Assis, Correspondente Internacional - TV Globo - Brasil - África do Sul	51
7.4 - Análise 4. Carolina Cimenti, Correspondente Internacional - TV Globo - Brasil - EUA	54
7.5 - Análise 5. Daniela Santiago, Correspondente Internacional - RTP Portugal - Espanha..	59
7.6 - Análise 6. Pedro Sá Guerra, Correspondente Internacional - RTP - Portugal	62
8 - Discussão dos resultados	67

Considerações finais	75
Referências Bibliográficas	78

Índice de Apêndices

Apêndice 1 - Guião de Entrevistas	81
Apêndice 2 - Entrevista Vinícius Assis - Correspondente Internacional - África TV Globo.....	82
Apêndice 3 - Entrevista Felipe Kieling - Correspondente Internacional - Inglaterra - TV Band	84
Apêndice 4 - Entrevista Daniela Santiago - Correspondente Internacional - Madrid - RTP.....	89
Apêndice 5 - Entrevista Carolina Cimenti - Correspondente Internacional - Nova Iorque, EUA - TV Globo	93
Apêndice 6 - Entrevista Pedro Sá Guerra - Correspondente Internacional - Brasil - RTP.....	97
Apêndice 7 - Entrevista Peterson Izidoro - Correspondente Internacional - Portugal Rede TV	102
Apêndice 8 - Ilustração - <i>Kit-Correspondente</i> - Acervo pessoal do jornalista Vinícius Assis	108
Apêndice 9 - Ilustração - Vinícius Assis - Correspondente Internacional TV Globo - África do Sul	108
Apêndice 10 - Ilustração - Carolina Cimenti - Correspondente Internacional TV Globo - Nova Iorque - EUA	109
Apêndice 11 - Ilustração - Carolina Cimenti - Correspondente Internacional TV Globo - Nova Iorque, EUA Transmissão vivo a partir da cobertura do prédio residencial, durante a Pandemia de Covid-19	110
Apêndice 12 - Ilustração - Carolina Cimenti - Correspondente Internacional TV Globo - Nova Iorque, EUA Transmissão ao vivo a partir de casa, durante a pandemia de Covid-19	111
Apêndice 13 - Ilustração - Daniela Santiago - Correspondente Internacional RTP - Espanha	112
Apêndice 14 - Ilustração - Pedro Sá Guerra - Correspondente Internacional RTP - Brasil ..	112
Apêndice 15 - Ilustração - Peterson Izidoro - Correspondente Internacional Rede TV - Portugal	113

Apêndice 16 - Ilustração - Felipe Kieling - Correspondente Internacional TV Band - Reino Unido 114

Introdução

O Jornalismo é dinâmico, os processos de construção e transmissão das notícias adaptam-se consoante as mudanças da sociedade e os avanços tecnológicos. A transformação tecnológica vivida nas últimas décadas é caracterizada pela utilização massiva das ferramentas tecnológicas pelos media, que se veem cada vez mais pressionados a transmitir informações com agilidade e mobilidade. De acordo com Zelizer (2019) é difícil separar o jornalismo da tecnologia, uma vez que o jornalismo depende de uma ou mais ferramentas tecnológicas para produzir suas mensagens e compartilhá-las com o público.

Desde os primórdios do processo de *newsmaking*, as tecnologias exercem influências sobre a transmissão noticiosa. A tecnologia está sempre mudando o jornalismo gradativamente (Zelizer, 2019). As ferramentas digitais transformaram as noções de velocidade na rotina dos media, trazendo benefícios e desafios para o sector. O paradigma de tempo mudou e na corrida para publicar histórias exclusivas tornou-se mais difícil verificar a veracidade dos factos; por outro lado a tecnologia proporciona mobilidade e facilidade para transmitir informações (Cooper & Taylor, 2014, p. 35). Segundo Reich (2018) o uso da tecnologia mudou substancialmente devido a questões como: a crescente pressão nas redações, com o ciclo de notícias acelerado, o surgimento de *smarthphones*, que podem resgatar ferramentas mais antigas, como auxiliar em pesquisas na Internet de forma rápida, além de uma visão distorcida, que aponta que o impacto da tecnologia tende a ser superestimado a curto prazo e subestimado a longo prazo (p.4121). Os noticiários de televisão foram pressionados a atender aos desejos do público de exibição sob demanda e interatividade (Robert & Gutsche, 2019, p.1036).

O jornalismo contemporâneo encontra-se imerso no mundo tecnológico. As ferramentas digitais estão presentes em todas as fases do processo de construção da notícia, desde os primeiros contactos com as informações, como a apuração dos factos, até a transmissão noticiosa com os meios técnicos utilizados.

Tradicionalmente o processo de produção noticiosa passa por uma série de etapas, um trabalho realizado em equipe, com pauteiros, apuradores, produtores, editores, repórteres e cinegrafistas. Porém, o conceito de grandes equipas de externa tem sido repensado pelos veículos de comunicação tradicionais, como as emissoras de televisão, que com o passar dos anos, têm apostado em equipas mais enxutas, impulsionadas pela necessidade de realizar transmissões noticiosas, cada vez mais imediatas, para além de reduzir custos. Franciscato

(2005) afirma que os aspetos tecnológicos condicionam ritmo e velocidade ao processo de produção da notícia, nos diferentes momentos do desenvolvimento jornalístico.

Neste contexto de consumo informativo acelerado, nota-se que a conectividade e a mobilidade têm sido determinantes na rotina dos jornalistas. Segundo Castells (2003) “a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos, com muitos, num momento escolhido e numa escala global” (p.8). Para Archetti (2013) na era digital há a constante presença de ruídos e informações infundadas circulando na Internet, nesse contexto torna-se fundamental a atividade jornalística responsável e profissional (p. 7).

Na perspectiva de Figueiredo (1989) a tecnologia circunscreve-se ao âmbito do fazer humano, no campo da ação social. Um campo de saberes em disputa, de exercícios de poder e de lutas por hegemonia (p.1). Nessa linha, tanto o contexto no qual as atividades tecnológicas se desenvolvem, quanto os atores envolvidos no processo, tornam-se fundamentais para que se compreenda a natureza dos interesses envolvidos na temática. Identifica-se o pensamento de que os atores permanecem ativos no processo de consumo tecnológico.

Dentro do paradigma contemporâneo da mobilidade, as tecnologias móveis comunicacionais arregimentam a reconfiguração na cadeia produtiva de distribuição e de consumo de informações. Ferramentas tecnológicas como telemóveis, *tablets*, câmeras portáteis e gravadores digitais reposicionaram as discussões sobre o jornalismo e a mobilidade (Barbosa & Mielniczuk, 2013). O digital aprimorou o ambiente tecnológico e ampliou o alcance das práticas jornalísticas. As ferramentas digitais introduziram características marcantes no estilo jornalístico de coleta de informações, fontes de dados, análise dos conteúdos e na distribuição da notícia (Zelizer, 2019, p.344).

Muitas vezes, os correspondentes se veem competindo com informações que circulam na Internet, tentando replicar notícias em termos de velocidade e precisão. Para Hahn, Stalph & Steller (2018) os correspondentes estrangeiros devem incorporar a tecnologia da Internet ao seu trabalho ao invés de competir com ela (p. 5). O acesso massivo e facilitado à tecnologia pode levar os jornalistas a um caminho mais curto até a notícia, porém com mais possibilidades de publicarem *fake news*. Por isso, destaca-se a importância de profissionais capacitados, que tenham a capacidade de diferenciar factos reais de distorções da realidade (Robert & Gutsche, 2019).

O conceito de ultrapassar fronteiras para transmitir informações traz à tona o mundo globalizado, onde observa-se cada vez mais a notícia de forma macro, em contextos globais e não mais permeando em micro regiões. A tendência é contextualizar as peças jornalísticas, transcendendo interesses locais. A expansão da tecnologia e das formas de comunicação ao redor do mundo contribui para a integração global. Portanto, as adaptações impostas ao meio jornalístico perante a difusão tecnológica e pandêmica estão diretamente ligadas a globalização.

Considerando esse contexto, o presente trabalho se propôs a compreender a relevância da tecnologia no processo de produção e transmissão das notícias, sob a perspectiva de correspondentes televisivos internacionais, profissionais qualificados, que atuam fora de seus países de origem. Correspondentes internacionais são uma espécie de antropólogo que se empenha em reportar notícias de determinada parte do mundo para outra (Hanners, 2004). São profissionais que usam uma diversidade de fontes e perspectivas para promover a compreensão diferenciada por parte do público (Hellmueller, 2017).

Os correspondentes têm utilizado, cada vez mais em suas rotinas de trabalho, ferramentas digitais como dispositivos móveis com acesso à Internet, como *tablets* e *smathphones*, além de pequenas câmaras de vídeo. Pressões financeiras têm impulsionado mudanças nas formas de transmissão das notícias, realizadas pelo modelo tradicional de correspondentes internacionais (Hamilton & Jenner, 2004, p. 313).

Estes profissionais passaram a fazer transmissões a partir de casa e não mais do terreno, nunca se falou tanto em *home office*. A pandemia do coronavírus (SARS-Cov-2) acelerou a utilização de telemóveis, pequenas câmaras de filmagem, sem o auxílio de microfones profissionais, com áudios adaptados e tripés improvisados. A atividade jornalística da correspondência internacional sempre esteve associada ao desenvolvimento tecnológico. Para Archetti (2013) a qualidade das reportagens de correspondentes depende da interligação de conexões entre pessoas, lugares e tecnologias (p. 8).

Para o desenvolvimento da pesquisa tornou-se importante fazer um recorte temporal, para que fosse possível realizar um estudo aprofundado. No momento histórico vivido mundialmente, em decorrência da pandemia de Covid-19, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus, do tipo SARS-Cov-2, o trabalho dos jornalistas passou por adaptações. As transmissões televisivas internacionais passaram a ser realizadas com equipas reduzidas, a fim de diminuir o contacto entre pessoas e minimizar as chances de transmissão

do vírus. Dessa forma, reportagens e diretos passaram a ser realizados com o auxílio das tecnologias digitais e com poucos profissionais. Em tempos de pandemia, não se justifica colocar os jornalistas em risco de contaminação, indo o terreno dos factos (Moreira, 2020, p.3).

Jornalistas e pesquisadores têm se dedicado a discutir a complexidade das coberturas jornalísticas sobre os temas ligados ao coronavírus. Os dados são novos, dinâmicos e incertos, o que torna o trabalho dos media desafiador. Natividade (2020) destaca que se trata de um momento de construção e rutura para os jornalistas, já que há um interesse intensivo acerca do tema, por outro lado ainda há informações inconsistentes sobre os tratamentos, assunto que abrange dados de cariz confidencial. Para Moreira (2020) ao longo da cobertura jornalística acerca do Covid-19, houve uma mudança nas formas de atuação dos repórteres, que passaram a transmitir as informações a partir de ambientes fechados e não mais do terreno dos acontecimentos, a fim de evitar o contacto com o vírus. Fontes, por sua vez, passaram a conceder entrevistas através de vídeos, com o auxílio as ferramentas digitais. Segundo Ogbodo (2020) a cobertura jornalística global de crises de saúde, como a pandemia de Covid-19, molda a compreensão da população acerca do assunto. O tipo de enquadramento apresentado pelos media sobre o coronavírus, pelo menos até julho de 2020, influenciou na percepção por parte da comunidade e no comportamento da mesma (Ogbodo, 2020, p. 265).

O presente estudo enquadra-se nas áreas temáticas de investigação em comunicação: jornalismo e sociedade e as funções sociais dos media e as representações mediáticas. As subáreas abordadas serão estudos televisivos e produção noticiosa.

A proposta central desta pesquisa foi investigar a relevância da tecnologia na rotina dos correspondentes televisivos internacionais do Brasil e de Portugal. O recorte temporal definido pela pesquisadora foi o período de um semestre, tendo início em março de 2020, quando foi registrado o primeiro caso de covid-19 em Portugal, até agosto. Destacam-se duas vertentes que foram analisadas: uma delas diz respeito as informações que chegam até o público e a segunda refere-se às formas de transmissão noticiosa, relativas à parte técnica das emissões, ou seja, a forma como as informações são transmitidas.

Blondheim (1994) aponta que as transformações começaram com as primeiras ferramentas de comunicação: “O telégrafo, ao acelerar a velocidade das notícias e tornar possível sua transmissão contínua, fragmentou o relato de eventos noticiosos em desenvolvimento em segmentos menores e mais frequentes” (p.34).

A pesquisa torna-se relevante, uma vez que aprofunda o olhar acerca da rotina dos correspondentes internacionais, influenciada pelas tecnologias digitais, sob um novo prisma, em uma situação não padronizada, que é uma pandemia mundial.

A curiosidade sobre o tema emergiu devido a investigadora ser jornalista, ter trabalhado durante catorze anos como repórter, em emissoras de televisão no Brasil como: TV Record, afiliada da TV Globo e Rede TV. Dessa forma acompanhou como profissional, uma série de evoluções no sector.

A pergunta de partida deste estudo é: qual a relevância das ferramentas digitais no processo de *newsmaking* realizado por correspondentes televisivos internacionais, durante a pandemia de Covid-19?

O objetivo geral foi compreender a relevância das ferramentas digitais no processo de produção e transmissão noticiosa por correspondentes internacionais, no período da pandemia de Covid-19.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

1) Compreender o papel das tecnologias digitais no processo de transmissão da notícia realizada por correspondentes televisivos internacionais, durante a pandemia de Covid-19, levando em conta o conteúdo que chega ao público.

2) Compreender o processo evolutivo na rotina dos correspondentes televisivos internacionais, impulsionado pelos avanços tecnológicos, levando em conta as técnicas utilizadas e a tipologia de conteúdo que chega ao ecrã.

A pesquisa foi composta pela revisão de literatura, com um levantamento e análise sobre o que já foi publicado referente ao tema proposto, em seguida foi realizado o enquadramento teórico para que então fosse iniciada a fase empírica. A parte empírica foi composta por duas etapas, entrevistas em profundidade com correspondentes televisivos internacionais brasileiros e portugueses e a análise de duas peças jornalísticas em que cada um dos profissionais entrevistados teve participação. Na seleção de notícias foram considerados reportagens e diretos publicados nos dois países em questão, sempre com temas ligados a pandemia de covid-19. A escolha da pesquisadora em entrevistar jornalistas brasileiros e portugueses justificou-se pela proximidade cultural dos dois países lusófonos, portanto com o mesmo idioma, para além do facto de que há uma massiva imigração brasileira em Portugal e vice-versa.

O recorte temporal definido para a pesquisa foi de um semestre, período entre março e agosto de 2020, tendo em conta que a data inicial se refere ao mês em que foi registrado o primeiro caso de coronavírus do tipo SARS-Cov-2 em Portugal.

Os dados coletados tanto nas entrevistas quanto na seleção de notícias passaram por uma análise de conteúdo e foram confrontados, para que fosse possível cumprir os objetivos propostos e se chegasse as conclusões da pesquisa.

1 - O Jornalismo e a Evolução Tecnológica

Na era da conectividade a transmissão dos factos exige cada vez mais rapidez e flexibilidade. A prática jornalística vem evoluindo ao longo dos últimos anos, impulsionada pela evolução tecnológica. O jornalismo não é apenas um conjunto de técnicas, mas uma gama de práticas que envolvem conexões complexas entre pessoas, tecnologias e lugares (Archetti, 2013, p. 8).

O jornalismo está em constante transformação, nunca foi uma profissão estanque, imutável, a busca pelo imediatismo faz da tecnologia uma aliada fundamental na produção e transmissão da notícia. Para Marcondes Filho (2002), o jornalismo tornou-se um disciplinamento técnico antes que uma habilidade investigativa ou linguística. O jornalista de qualidade passou a ser aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias, e não mais o profissional que possui conhecimento teórico ou que escreve melhor. Ele deve ser um elemento que funciona bem, que funciona como uma peça universal, que seja acoplável ao sistema de produção de informações (Marcondes Filho, 2002, p.26).

Os avanços tecnológicos e sua aplicabilidade ao jornalismo criaram para repórteres, correspondentes internacionais e editores novas possibilidades e desafios para a atualização das edições dos telejornais. Na contemporaneidade, mais do que nunca, o dinamismo é palavra de ordem nas redações. Entra-se portanto, em uma seara delicada ao mundo das comunicações, evitar *fakenews* e ter responsabilidade sobre tudo o que é transmitido. O jornalismo nunca foi tão essencial como nos dias de hoje, em que se vive uma realidade onde há uma infinidade de informações circulando na *internet*, mas pouco comprometimento com a verdade, com a apuração de factos e dados.

2 - Teorias de Comunicação de Massa. *Framing*, *Newsmaking* e Determinismo tecnológico

A pesquisadora dedicou-se a compreender o processo de construção noticiosa e as formas de transmissão informativa, o estudo seguiu as seguintes teorias de comunicação de massa: *framing*, *newsmaking* e determinismo tecnológico. As teorias tornaram-se fundamentais para dar suporte teórico ao trabalho.

A teoria do *framing* decorre de uma perspectiva construtivista e do interacionismo simbólico. Trata-se da construção das mensagens, a fim de persuadir o público, de forma que os emissores condicionem o pensamento dos receptores. Por outro lado, há um mar de informações circulando pela *internet*, além de um vasto potencial de informações transmitido pelos diferentes veículos de comunicação, o que aponta uma fusão de agendas, que ajuda a construir a imagem do mundo por parte do público (McCombs, 2020).

De acordo com a teoria do *framing*, o enquadramento apresentado pelos media terá um impacto importante na compreensão da notícia, por parte do público. *Framing* é também uma forma de selecionar aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em determinada transmissão noticiosa, o que conseqüentemente agrega valor informativo ao receptor (Weaver, 2007).

Para Bullock & Shulman (2021) o enquadramento ou *framing* apresentado pelos jornalistas nas coberturas relacionadas a assuntos de saúde, possui um peso determinante na construção da opinião pública, que por sua vez, afeta os resultados das políticas de saúde pública.

Nesta pesquisa, o *framing* corresponde ao enfoque dado pelos correspondentes internacionais pelo *newsmaking* adotado. O enfoque jornalístico das transmissões, é determinante para a decodificação por parte dos telespectadores e a influência em suas vidas. Ou seja, o público de determinado país, terá suas impressões sobre outra nação, influenciada pela perspectiva noticiada pelo repórter.

Laitinen & Valo (2018) apresentam *technological frames* como um subconjunto das estruturas organizacionais, que permite uma comunicação mediada pela tecnologia e inclui reuniões virtuais em equipe. Esta foi a ferramenta digital utilizada pelos media para realizarem

entrevistas *on-line*, ao longo da primeira fase da pandemia de Covid-19, como forma de substituir encontros pessoais e evitar a transmissão do vírus.

Segundo McCombs (2004), o *agenda-setting* corresponde a capacidade dos meios de comunicação de influenciar na configuração da agenda pública. Significa o poder que os media podem exercer sobre a opinião pública, a teoria é apontada como um efeito social dos media. Portanto o *agenda-setting* aborda a ideia de que os consumidores de notícia têm a tendência de considerar mais importantes os assuntos que são publicados nos veículos de comunicação. Consequentemente os temas apresentados com maior destaque pelos media irão fazer parte da agenda pública mais frequentemente. No caso deste estudo, destaca-se a massiva quantidade de informações derivadas da pandemia de Covid-19, no período pesquisado.

Segundo McCombs (2004), o *agenda-setting* corresponde a capacidade dos meios de comunicação de influenciar na configuração da agenda pública. Significa o poder que os media podem exercer sobre a opinião pública, a teoria é apontada como um efeito social dos media.

O correspondente internacional desempenha um papel fundamental para que a notícia seja publicada, já que o profissional tem um papel determinante nas decisões sobre o produto a ser veiculado e torna-se um *newsmaker*, uma vez que passa a ser um observador analítico dos factos. Segundo Hohlfeldt (2001), a teoria do *newsmaking* está associada a todo o processo de construção da notícia, desde o início dos acontecimentos até o acompanhamento dos profissionais nas diferentes etapas de produção noticiosa.

Em países estrangeiros longe da base das redações, a tendência é que as equipas sejam reduzidas, o que amplia o trabalho do correspondente internacional, que passa a atuar em todas as fases do processo. São repórteres com uma visão analítica dos factos, que tem condições de discernir com agilidade quais informações tem valor noticioso.

O *newsmaking* é um processo complexo que depende de vários fatores, desde a produção, a circulação e o consumo noticioso. Os jornalistas são construtores de notícias, mais do que caçadores de informações (Retegui, 2017). A teoria do *newsmaking* é o processo de produção noticiosa, que leva em conta uma série de critérios, como: valores da notícia, informações, fontes e as relações pessoais dentro das organizações para definir o que será publicado (Hohlfeldt, 2001).

A concepção determinista tecnológica considera a relação entre tecnologia e sociedade como unidirecional, sustenta-se que o desenvolvimento social, com seus aspetos económicos, políticos e culturais seja consequência direta do desenvolvimento tecnológico (Chandler, 1995). Na perspectiva determinista considera-se que o desenvolvimento tecnológico condiciona sobremaneira as mudanças e as estruturas sociais. Nessa linha de pensamento argumenta-se que a tecnologia segue um curso particular, com suas próprias leis, e desenvolve-se em âmbito externo ao meio social como se fosse um fenómeno natural.

O surgimento de uma nova tecnologia provoca mudanças profundas em todas as esferas da sociedade. Para McLuhan (1969) as máquinas alteram fundamentalmente as relações pessoais e interpessoais, independentemente do uso que se faz das mesmas. O efeito tecnológico reestrutura o trabalho humano. A tecnologia afeta na maneira como os indivíduos agem e interagem na recepção das mensagens “o meio é a mensagem” (McLuhan, 1969, p.21).

Entretanto, o conceito de determinismo vem sofrendo alterações ao longo dos anos, e uma linha mais *soft* do determinismo tecnológico considera que a tecnologia está localizada em uma forma mais diversa e complexa de matriz social, económica, política e cultural (Smith & Marx, 1994).

O correspondente internacional abrange nessa gama de atividades, a participação no processo de produção noticiosa, que corresponde ao profissional que atua em veículos de comunicação tradicionais, responsável por seleccionar a notícia que tem relevância, a ponto de ser publicada, em detrimento de outra. O correspondente internacional, depara-se com uma infinidade de informações e rapidamente identifica o grau de importância das notícias para então definir prioridades sobre quais assuntos serão publicados.

3 - Transmissão televisiva, correspondentes internacionais e a evolução tecnológica

A atividade jornalística está em constante transformação. Desde o surgimento das formas mais amplas de comunicação social, iniciadas no pós-guerra até os dias de hoje, o jornalismo acompanha as mudanças. Com o advento da tecnologia o jornalismo televisivo vem passando por adaptações, seja no âmbito técnico como no produto transmitido.

A tecnologia condiciona ritmo e velocidade na produção de notícias. As noções de tempo informativo vêm sofrendo mudanças provocadas pelo desenvolvimento das ferramentas digitais. O paradigma de tempo em jornalismo sofreu alterações, enquanto que no passado um correspondente estrangeiro normalmente tinha um prazo diário para a produção e veiculação da uma reportagem, atualmente a ideia de ter um dia inteiro para construir uma matéria e publicá-la parece luxuosa (Cooper & Taylor, 2014, p. 35).

Com os avanços tecnológicos as equipas de reportagem diminuíram de tamanho e houve uma redução dos custos para a produção de conteúdo informativo, dessa forma, há uma tendência das empresas de comunicação de contratarem serviços de correspondentes terceirizados, em detrimento dos correspondentes internacionais tradicionais. A globalização contribuiu para o intercâmbio cultural entre países e a redução das distâncias, o que ampliou o acesso do público as notícias estrangeiras (Hamilton & Jenner, 2004, p. 312).

As ferramentas digitais trouxeram agilidade e qualidade técnica no processamento da informação, ao facilitarem o trabalho de rever, corrigir, alterar e atualizar textos. Por outro lado, torna-se imprescindível que os jornalistas conheçam e experimentem a prática em campo, para que possam exercer a profissão com visão analítica. A Internet possibilita o acesso a novas fontes de informação, podendo representar uma forma importante para a ampliação do *networking* jornalístico (Hahn, Stalph, & Steller, 2018, p. 13).

Na era da conectividade a utilização das ferramentas digitais pelos jornalistas faz parte do cenário global das reportagens. As ferramentas permitem que os repórteres produzam relatórios tão claros quanto o jornalista no terreno, já que podem ter um acesso amplo às informações (Cooper & Taylor, 2014, p. 12). Qualquer pessoa com modem, computador e provedor de serviços de Internet pode se comunicar, pelo menos em teoria, a um público tão grande quanto a mais extensa empresa de comunicação. Transmitir informações em grandes distâncias não é o compromisso exigente e caro, como era antigamente (Hamilton & Jenner,

2004, p. 312). Porém, Archetti (2013) faz outra reflexão sobre o assunto, ao destacar que apesar do desenvolvimento tecnológico, quanto mais tempo os jornalistas permanecem no terreno dos acontecimentos, mais qualidade terão suas reportagens. Embora os jornalistas vivam no mundo globalizado, em que de certa forma a geografia morreu, com a aproximação de nações e culturas, o terreno jornalístico é importante (p. 5).

Para Hamilton & Jenner (2004) historicamente os correspondentes estrangeiros gozam de um prestígio pela experiência adquirida, porém a profissão vem passando por transformações e o modelo tradicional de correspondentes está tornando-se uma espécie rara. As notícias internacionais aparecem em embalagens novas e menos tradicionais e por razões práticas e financeiras os escritórios internacionais com equipas, não possuem mais os mesmos modelos. Nesse contexto, correspondentes dinâmicos e inovadores vêm ganhando mais espaço (pp. 301-303). Para Archetti (2013) significar a correspondência internacional não é simples, envolve uma constelação de técnicas e práticas, com interconexões entre repórter, fonte, tecnologia e o local dos acontecimentos (p. 7).

A quantidade de informações circulando na Internet oferece aos correspondentes internacionais uma ampla gama de fontes em potencial, mas também exige que os profissionais assumam mais responsabilidade na verificação dos dados e na transparência das técnicas utilizadas para a coleta de informações (Cooper & Taylor, 2014, p. 35).

Destaca-se a necessidade de profissionais qualificados para além do domínio da utilização das ferramentas digitais. Mesmo na era digital a produção de conteúdo informativo precisa de profissionais cultos, dinâmicos e precisos, diferente do que ocorre no ambiente cibernético. Apesar da crescente utilização da tecnologia, os jornalistas continuam sendo o recurso mais valioso das organizações (Bastos & Zamith, 2012).

Na era da conectividade, a utilização de ferramentas digitais está intrínseca à rotina jornalística e às transmissões televisivas, entretanto, nem sempre foi assim. A invenção da televisão revolucionou a comunicação no século XX. Houve uma longa trajetória, com o desenvolvimento das tecnologias analógicas e digitais. Com a evolução tecnológica, os ecrãs ficaram cada vez menores e portáteis. Atualmente *smarthphones* podem conectar conteúdos televisivos e transmitir informações produzidas pelos correspondentes (Cagé, 2016, p.7). Como Castells (1999) escreveu, ainda no século XX, a Internet passou a ser cada vez mais usada para

aceder aos meios de comunicação tradicionais, como a televisão, o jornal e o rádio, nesse contexto, a Internet transformou a televisão (p.11).

Ao falarmos sobre os reflexos da evolução tecnológica na rotina dos media, nota-se que o assunto tem sido estudado, sob diferentes vertentes, entretanto, o tema ainda não foi muito abordado no âmbito das influências das tecnologias digitais na transmissão da notícia, pela ótica de correspondentes internacionais em contexto da pandemia de Covid-19. Nota-se uma possibilidade de ampliar os conhecimentos acerca do tema, sob a visão de quem está no terreno dos acontecimentos.

3.1 - Correspondentes Internacionais

Os correspondentes internacionais são profissionais que estão baseados em um país estrangeiro de relevância em termos políticos, culturais e sociais, para a nação do veículo de comunicação de origem. Geralmente o correspondente atua nas capitais de países relevantes, entretanto a cobertura jornalística abrange extensões territoriais muito maiores, que vão desde cidades, países até continentes inteiros. São profissionais experientes, imersos em diferentes culturas, capazes de análises conjunturais.

Um desafio que envolve diferentes competências, sobretudo a de conhecer novas culturas e formas de vida, além da necessidade de traduzir o conteúdo adquirido para seu público, que é outra nação. Hanners (2004), destaca três transformações que refletem na rotina dos correspondentes internacionais: as pressões económicas sobre a cobertura de notícias internacionais, a interdependência global, com o fluxo informacional e as inovações tecnológicas. Para Gradim (2000) o repórter do futuro “é um homem dos mil e um recursos, trabalha sozinho, equipada com uma câmara de vídeo digital, telefone satélite, *laptopcom software* de edição de vídeo e *html*, e ligação sem fios à Internet” (p.117).

As editorias internacionais recebem diariamente centenas de informações que podem ser desenvolvidas, pesquisadas e tem o potencial de render boas reportagens, porém há uma série de critérios refinados e qualificados para que seja possível distinguir o que realmente será a matéria prima para das reportagens internacionais. Na linha hierárquica o primeiro profissional a selecionar as notícias globais é o correspondente internacional que atua em

determinado país, cabe ao correspondente no exterior filtrar o que faz sentido, como valor jornalístico para a nação a receber a notícia. Portanto compreende-se dessa forma o papel de *newsmaker* do correspondente internacional, que participa de todo o processo de construção noticiosa. Os repórteres da diáspora devem estar preparados para atuar nas mais variadas áreas e em todas as etapas da construção jornalística.

Para Natali (2007) o jornalismo nasceu internacional, o período de maior ascensão da editoria foi no século XIX, com a expansão do império colonial britânico, quando os periódicos ampliaram a área geográfica. Havia uma demanda mundial por notícias do velho continente, tendo em conta a presença de imigrantes europeus em diversas partes do mundo, concentrado na coleta de informações e a difusão em terras distantes.

A França, o Reino Unido e os EUA foram países em ascensão, no momento em que a industrialização os projetava por suas ambições expansionistas e por seu poderio industrial e mercantil. E, também, pelo poderio de sua imprensa. Em outras palavras, a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores (Natali, J. 2007, p.32).

Segundo McCombs (2009) grande parte do conhecimento e notícias relacionadas a assuntos internacionais que o público recebe é proveniente de jornalistas. Enfatizam-se tópicos das informações consideradas mais importantes. “Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública” (McCombs, 2009, p.18).

Correspondentes internacionais traduzem o mundo ao público. Fazem uma imersão em torno das notícias do país onde vivem e transmitem detalhadamente as informações aos leitores, ouvintes ou telespectadores. No jornalismo internacional há de se levar em conta cenários gerais e complexos, os correspondentes são a ponte para a construção da imagem de determinado país. “É pelas narrativas dos correspondentes que o singular aflora” (Adghrni, 2013, p. 38). O profissional correspondente representa um olhar próprio e exclusivo, com a capacidade de analisar os factos e não apenas transmiti-los. Torna-se um valor agregado em termos de informação diferenciada.

O setor internacional de uma redação é a área do jornalismo de maior abrangência, uma vez que o jornalista em um país estrangeiro faz coberturas sobre os mais variados assuntos, desde política, economia, segurança pública, eventos culturais e *hardnews*.

Para além da análise histórica do surgimento da correspondência internacional, há a premissa de que a tecnologia sempre esteve presente, como uma aliada importante na rotina dos repórteres internacionais. Segundo Silva (2011), a atividade jornalística da correspondência internacional sempre esteve associada ao desenvolvimento tecnológico, pelas possibilidades de coleta de informações em outros territórios e as formas de distribuição e circulação desse material.

Na contemporaneidade o correspondente internacional trabalha como profissional multimídia, abrange uma série de atividades no processo de produção noticiosa. Desde a apuração dos factos, com a capacidade de compreender os mais variados assuntos, selecionar as notícias de maior relevância, a ponto de serem publicada em detrimento de outras. O jornalista da diáspora, depara-se com uma infinidade de informações e de forma dinâmica identifica o grau de importância das notícias para então definir as prioridades.

3.2 - *Kit-correspondente*

As adaptações na rotina dos correspondentes internacionais são anteriores a pandemia, em meados dos anos dois mil surgiu a denominação de *kit-correspondente* (ver apêndice 8), um conjunto de ferramentas que possibilita o trabalho dos jornalistas fora de seus países de origem, como: câmeras profissionais, tripé, microfone e iluminação. Concomitantemente com o avanço das tecnologias, houve uma série de *upgrades* do *kit-correspondente*, para que seguissem as tendências das novas ferramentas digitais que foram surgindo ao longo das duas últimas décadas. A crise pandêmica mundial de covid-19, entretanto, impulsionou um progresso considerável no *kit-correspondente*, uma vez que os jornalistas que atuam fora dos países de origem tiveram que rapidamente, atualizar suas ferramentas de trabalho, para que pudessem transmitir as informações com a agilidade exigida neste período, com *deadlines* muito mais apertados que os convencionais. Até então, os *kits* eram normalmente utilizados por jornalistas autônomos, mas a corrida por informações rápidas e com precisão, ao longo dos primeiros meses da pandemia foi o combustível necessário para as adaptações (ver apêndice 8).

De acordo com Sá Guerra (2021), atualmente o *kit-correspondente* baseia-se em um *iphone* de última geração, uma boa iluminação, um microfone de lapela ligado ao telefone e

uma boa conexão com a Internet. Desde o início da pandemia muitos repórteres integraram ao *kit-correspondente*, uma girafa de microfone, que aumenta a distância entre o jornalista e o entrevistado, a fim de manter o afastamento social exigido (Sá Guerra, 2021).

Santiago (2021) afirma que foi ao longo dos primeiros meses de pandemia que adquiriu um tripé e a iluminação necessários para as transmissões ao vivo a partir de casa, adaptando a sala de casa, com um visual aceitável. Segundo Kieling (2021) foi necessário organizar a casa para o *homeoffice*, com quadros ilustrativos alusivos a Londres tão logo começou o *lockdown* no Reino Unido.

Cimenti (2021) destaca que as transformações foram muito dinâmicas nos primeiros dias da cobertura da pandemia, os jornalistas internacionais receberam um *kit-correspondente* com um tripé, além de fone e microfone para conectar ao telefone, mas poucas semanas mais tarde foi enviado um segundo *kit*, mais completo, com dois pontos de luz, que proporcionam uma iluminação mais adequada, câmeras profissionais para cada um dos jornalistas, computadores portáteis e uma ferramenta chamada *Live-U*, que tem uma conexão para entradas ao vivo, para além de transformar a sala de casa em um pequeno estúdio.

No caso de Kieling foi diferente, o jornalista foi para o Reino Unido em 2012 já contratado como vídeo repórter, ou seja, na perspectiva de trabalhar sozinho, sem uma equipe de reportagem. Na época o correspondente levou o equipamento necessário, mas afirma que com o avanço tecnológico as ferramentas foram atualizadas e a maior mudança foi no volume de entradas ao vivo, que atualmente é muito maior, “agora eu entro ao vivo o dia inteiro praticamente, porque é super fácil e também é mais barato para a televisão” (Kieling, 2021).

Existem duas transformações essenciais, uma diz respeito a tecnologia, o *kit-correspondente* contemporâneo tem como principal elemento a melhor conexão com a Internet que cada um dos países pode oferecer hoje em dia, essa é a garantia de que o conteúdo será transmitido com qualidade, no que se refere a parte técnica. A outra está relacionada diretamente com a pandemia de covid-19, que por sua vez trouxe novidades, paramentos de proteção pessoal, como a vedação de microfone a fim de evitar eventuais contatos entre os entrevistados e o repórter, o uso de extensores de microfones com o objetivo de manter o distanciamento social, além da constante higienização dos equipamentos.

O jornalismo internacional acarreta atribuições de “profissionais multimídia”. Os correspondentes tendem a ser jornalistas experientes, que transitam com facilidade entre

culturas, têm amplo conhecimento geral, dinamismo, mas sobretudo têm a capacidade de manipular equipamentos, que estão em constante evolução, portanto precisam aprimorar-se para acompanhar as mudanças do sector. Segundo Kieling (2021) as ferramentas digitais são parte da vida dos jornalistas, com um celular ou com um computador é possível fazer reportagens, sem a necessidade de câmeras grandes e cinegrafistas, porém é importante destacar que a qualidade vai ser sempre melhor com o auxílio de um repórter cinematográfico e câmeras profissionais. Quando acontece um grande factuel, como um atentado terrorista ou pandemias, é necessário enviar conteúdo com rapidez, portanto, a tecnologia veio somar e não substituir (Kieling, 2021).

Para Assis (2021) o uso das ferramentas digitais é fundamental para o trabalho televisivo, a principal aquisição ao chegar em qualquer país é adquirir um ótimo pacote de dados. A noção de tempo mudou muito e o tempo jornalístico é diferente do tempo do resto do mundo. Por outro lado, a pandemia fortaleceu todas as mídias, mas principalmente fortaleceu a importância do papel dos jornalistas. As pessoas demandam por imediatismo, mas exigem profundidade (Assis, 2021).

3.3 - A Globalização da notícia

Cada vez mais a atividade jornalística está relacionada a uma realidade global, na qual os profissionais devem compreender os ambientes de forma macro. O jornalista global do século XXI leva em consideração diversos fatores para a realização de análises e apurações corretas, já que o mundo encontra-se conectado sob a influência da globalização.

O fenómeno da globalização é uma construção ocorrida ao longo dos anos para que pudéssemos chegar à contemporaneidade de um mundo interligado, com a internacionalização as notícias. O processo de modernização implicou uma crescente integração mundial. A globalização pode ser entendida como um fenómeno social multidimensional.

A globalização é compreendida como o processo pelo qual é possível a aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes no globo terrestre. Há uma integração que passa pelas searas econômica, cultural, social e política. Onde há um rompimento de fronteiras no que se refere a comunicação com um todo. Nota-se um enriquecimento informativo.

McLuhan (1969) referiu-se à globalização como uma grande aldeia global em constante movimento de fronteiras. A redução das barreiras geográficas e a diminuição das distâncias faz com que todos estejam interconectados, semelhante a uma enorme aldeia global (McLuhan, 1969).

A humanidade passou por momentos históricos que contribuíram para o processo de globalização e que merecem destaque, como as expansões marítimas, a revolução industrial e a transformação mais atual conhecida como o avanço tecnológico. O desenvolvimento das formas de comunicação esteve presentes em todas as etapas. Para Waters (2002) ao longo do século XIX assistiu-se a um importante progresso na comunicação, impulsionada por avanços territoriais. “Os próprios progressos nos transportes melhoraram a comunicação por correio” (Waters, 2002, p.139).

Segundo Friedman (2000) o surgimento do telefone, do rádio e da televisão foram elementos prestigiosos de acesso à comunicação, entretanto, foi devido ao aparecimento da Internet, em 1969, que aconteceu uma revolução nas formas de comunicação e consequentemente o termo globalização se fortaleceu (Friedman, 2000).

Segundo Waters (1999) a globalização define-se como um processo social através do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais, e em que os indivíduos se consciencializam cada vez mais dessa redução.

3.4 - As Pandemias sob a perspectiva jornalística

As pandemias ficaram conhecidas mundialmente graças as coberturas jornalísticas, nos diferentes períodos históricos. O jornalismo está em constante movimento e precisa adaptar-se perante a cada novo desafio, assim desenvolveram-se as diferentes formas de comunicar-se e de transmitir as informações. Os jornalistas tiveram papel crucial na difusão informativa mundial, seja como forma de noticiar ou ainda alertar as comunidades mundo a fora. O jornalismo é um exercício necessário em uma sociedade democrática, a profissão pode ser compreendida como um serviço de utilidade pública, quando exercida de forma ética e sem juízos de valor (Farrar, 1998).

A gripe espanhola, ocorrida entre janeiro de 1918 e dezembro de 1920, foi considerada uma das epidemias mais mortais da história da humanidade. Estima-se que mais de quinhentos milhões de pessoas tenham sido infetadas, o que correspondia a um quarto da população mundial na época, o número de mortos foi de aproximadamente quatorze milhões de pessoas. Curiosamente a epidemia não teve início na Espanha, embora ainda haja um mistério sobre em qual país exatamente teve início, os primeiros casos foram registrados em países como Alemanha, Reino Unido, França e Estados Unidos da América, nações envolvidas na primeira guerra mundial, e onde a censura era extrema. Com interesses políticos os governos minimizaram os primeiros relatos e esconderam informações, com escusas de não despertarem o caos mundial. A Espanha manteve-se mais neutra no que se refere a censura e dessa forma permitiu que as notícias fossem divulgadas, portanto foi a primeira nação a veicular as informações relativas à pandemia da época, que mais tarde foi batizada de gripe espanhola.

Um século mais tarde o mundo viveria a maior pandemia do século XXI, causada pelo SARS-Cov2. Em um contexto completamente diferente, assistiu-se a um período repleto de informações sobre a pandemia de Covid-19, notícias que ultrapassaram as fronteiras entre nações devido as facilidades de transmissão de dados.

Nota-se que há um entrelace interessante entre os factos e a transmissão das informações, uma vez que valores culturais, éticos e históricos, que envolvem diferentes graus de censura podem ajudar a construir notícias que eternizam momentos.

3.5 - A relevância da pesquisa

A pesquisa torna-se inovadora, uma vez que o assunto proposto e o recorte temporal, referente a primeira fase da pandemia do coronavírus, são circunstâncias ainda pouco exploradas. O assunto surgiu como novidade para a abordagem dos media, e suscitou debates, sobre os desafios de tal cobertura jornalística, porém ainda há muito a ser pesquisado, nos campos das transmissões televisivas, sob a ótica dos correspondentes.

Embora haja uma abundância de notícias mundialmente divulgadas sobre o coronavírus, há uma carência, no que diz respeito a profundidade sobre o assunto (Natividad, 2020). Nota-se que as informações sobre o tema ainda são relativamente incertas. Dessa forma torna-se

fundamental, que os jornalistas construam relações mais estreitas com fontes, como profissionais da área da saúde e pesquisadores.

Para Moreira (2020) as mudanças tecnológicas trouxeram uma nova interface com o mundo. Hoje, profissionais como produtores, pauteiros, editores e repórteres podem perfeitamente realizar seus trabalhos na maioria das vezes de suas casas, tendo ao seu alcance um telefone, um computador e acesso à Internet de boa qualidade. Sendo assim, durante o período da pandemia, não há a necessidade de expor os jornalistas ao terreno dos factos e no contato com fontes, a fim de não os colocar em risco de contaminação do coronavírus (Moreira, 2020, p.2).

A reflexão faz parte dos desafios do jornalismo na era digital. São ponderações relacionadas a forma e ao conteúdo, que podem trazer à tona um novo paradigma da construção noticiosa. Os media da contemporaneidade são desafiados a encontrar um ponto de equilíbrio entre o jornalismo de vanguarda e as novas formas de produção noticiosa.

4 - Opções Metodológicas

A pesquisa seguiu o método indutivo com o paradigma interpretativo e a abordagem qualitativa de investigação, para compreender as questões propostas e cumprir os objetivos. Para Creswell (2007) a abordagem qualitativa é um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. A subjetividade do investigador e dos sujeitos fazem parte do processo. Torna-se a abordagem adequada para esta pesquisa, já que as informações serão coletadas, descritas, analisadas e interpretadas. A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, já que o pesquisador interpreta os dados (Creswell, 2007). No estudo qualitativo o ambiente é a fonte de informações e o pesquisador é o instrumento fundamental (Bryman, 2004).

O estudo baseou-se no paradigma interpretativo, que valoriza a compreensão e a interpretação das informações. O paradigma interpretativo propõe substituir noções científicas de explicação, previsão e controle do paradigma positivista, pela compreensão, significado e ação. A pesquisa irá seguir o método indutivo que segundo Creswell (2007) é um raciocínio utilizado pela ciência, partindo de informações particulares e buscando uma lei geral universal.

A pergunta de partida deste estudo é: qual a relevância das ferramentas digitais no processo de *newsmaking* realizado por correspondentes televisivos internacionais, durante a pandemia de Covid-19? O estudo foi desenvolvido a fim de cumprir os dois objetivos específicos: 1. Compreender o papel das tecnologias digitais no processo de transmissão da notícia realizada por correspondentes televisivos internacionais, durante a pandemia de Covid-19, levando em conta o conteúdo que chega ao público e 2. Compreender o processo evolutivo na rotina dos correspondentes televisivos internacionais, impulsionado pelos avanços tecnológicos, levando em conta as técnicas utilizadas e a tipologia de conteúdo que chega ao ecrã. Portanto, para cumprir ambos os objetivos foram realizadas entrevistas em profundidade com correspondentes internacionais, além da seleção e análise de peças jornalísticas com a participação dos profissionais entrevistados.

A fase empírica teve início com entrevistas em profundidade com seis correspondentes internacionais do Brasil e de Portugal, que trabalharam ao longo dos primeiros meses da pandemia de Covid-19 fornecendo informações da diáspora à seus países de origem. A escolha de jornalistas brasileiros e portugueses se deu pela proximidade cultural e linguística dos dois países lusófonos. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com o auxílio da tecnologia,

por videoconferência, uma vez que a maioria dos entrevistados estava longe da pesquisadora, para além do facto de que possuem uma rotina agitada, com afazeres jornalísticos. A investigadora preparou um guião e conseguiu conduzir as entrevistas, incluindo perguntas que não estavam previamente definidas.

Em seguida foram seleccionadas duas peças jornalísticas realizadas por cada um dos seis entrevistados. Os diretos e as reportagens passaram por uma análise de conteúdo. Tratou-se de um método de cariz exploratório e descritivo. O levantamento das notícias levou em conta critérios como a necessidade de abordar temas relacionados a pandemia e terem sido publicados dentro do recorte temporal determinado pela pesquisadora, que corresponde ao semestre entre março e agosto de 2020, período que compreende a parte conhecida como primeira fase da pandemia do coronavírus e teve como marco inicial o primeiro caso do vírus, do tipo SARS-Cov-2 em Portugal.

A investigadora debruçou-se a compreender como foram realizadas as reportagens e diretos dos correspondentes internacionais, ao longo da primeira fase da pandemia do coronavírus. A pesquisadora identificou as técnicas utilizadas pelos repórteres e o conteúdo transmitido. Em seguida, foi possível fazer uma análise do conteúdo extraído, bem como das técnicas utilizadas. A investigadora fez uma tabela com os pontos que foram considerados importantes para a análise das peças jornalísticas: a tabela encontra-se no apêndice 2.

A escolha dos países lusófonos justificou-se pela proximidade cultural entre Brasil e Portugal, como o facto de possuírem o mesmo idioma e um recorte significativo de migrantes brasileiros vivendo em Portugal e vice-versa.

Ao longo da pesquisa foi realizado um mapeamento do conteúdo publicado e das técnicas utilizadas. Os dados coletados nos dois momentos da pesquisa empírica, passaram por uma análise de conteúdo e em seguida foram confrontados.

Em ambas as fases as informações coletadas foram analisadas, utilizando a técnica da análise de conteúdo, para que fosse possível realizar uma descrição aprofundada e detalhada. As informações foram cruzadas, portanto, foi possível chegar a conclusões e cumprir os objetivos da pesquisa.

Tornou-se importante destacar que o tema suscitou o interesse da investigadora, já que a mesma atuou como repórter de televisão, ao longo de mais de dez anos, em emissoras

brasileiras e atualmente trabalha como correspondente internacional, como *freelancer*, para a CNN Brasil. Nesse contexto, aplica-se a *Grounded Theory*, quando o observador faz parte do processo de pesquisa. O conceito propõe que há uma relação mais estreita entre a teoria e a realidade estudada, aliando ao processo está o papel ativo do investigador, ou seja, na forma como o pesquisador se coloca no processo e não como o mundo exterior lhe apresenta.

Segundo Creswell (2007) a *Grounded Theory* é uma estratégia qualitativa de inquérito na qual o pesquisador deriva uma teoria geral e abstrata de processo, ação ou interação fundamentada na visão dos participantes de um estudo (p. 13 e 229). As teorias geradas partem de dados relevantes, que fornecem subsídios sólidos para a construção de uma análise eloquente. *Grounded Theory* é fundamentada em dados que fornecem uma explicação mais sofisticada do que uma teoria derivada de outros estudos (Creswell, 2012).

Levando em conta questões deontológicas, destaca-se que apesar da experiência da pesquisadora na área jornalística, houve um exercício de distanciamento, para que fosse possível realizar o estudo com imparcialidade. O observador deve se manter distante dos eventos observados, a fim de evitar influenciá-los (Creswell, 2012).

5 - Análise de conteúdo das entrevistas em profundidade

Considera-se necessária para esta dissertação uma análise de conteúdo das entrevistas em profundidade realizadas com correspondentes internacionais televisivos, a fim de interpretar o conteúdo das mesmas e desenvolver uma perspectiva analítica. Para Bardin (1977), trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de recepção das mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

O *corpus* de análise da pesquisa consiste na interpretação das entrevistas realizadas com seis correspondentes internacionais, entre os meses de abril e junho de 2021, via *Zoom*. A fim de tornar o estudo dinâmico e com uma vasta amostragem, no que se refere a uma diversidade de pontos de vista, foram selecionados jornalistas que atuam em três continentes, África, América (América do Norte e América do Sul) e Europa e seis países diferentes: África do Sul, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, Portugal e Reino Unido.

A pesquisadora utilizou um modelo de entrevista semiestruturada, a partir de um guião pré-estabelecido, com a possibilidade de interferências e novos questionamentos. Foi considerada a experiência empírica dos correspondentes internacionais, compreendida no período semestral entre março, mês em que foi diagnosticado o primeiro caso de Covid-19 em Portugal, e agosto de 2020: tal período foi considerado a primeira onda da pandemia de SARS-Cov-2 na Europa.

Todas as seis entrevistas foram realizadas por teleconferência, portanto com o auxílio de ferramentas tecnológicas, uma vez que os participantes são jornalistas que atuaram na linha de frente da transmissão das notícias da pandemia de Covid-19, motivo pelo qual possuem rotinas agitadas. Curiosamente durante a entrevista para esta pesquisa, com o correspondente da TV Bandeirantes, na Inglaterra, Felipe Kieling (ver apêndice 16), o jornalista foi acionado pela redação brasileira para cobrir um evento, portanto tivemos que realizar a entrevista em duas etapas. Facto que demonstra como funciona a prática jornalística da modernidade, em que o correspondente internacional, pode ser solicitado nos mais diferentes momentos e precisa saber lidar com a pressão do imediatismo, com *deadlines* apertados.

As entrevistas foram transcritas, na fase a seguir à sua realização, para que então fosse realizada a exploração e análise dos resultados. Para esta pesquisa foi designado um recorte temporal de seis meses, além da classificação de jornalistas de duas nacionalidades, brasileiros e portugueses que trabalham em diferentes países como correspondentes internacionais. Tais profissionais viveram no cotidiano adequações perante a realidade imposta por uma pandemia mundial. Pretende-se neste estudo compreender o processo de amoldamento dos jornalistas ao longo da fase inicial de instalação da pandemia, no que se refere à parte de transmissão de conteúdo com o auxílio das ferramentas digitais.

Tão logo começou a pandemia de coronavírus, os jornalistas do mundo inteiro precisaram adaptar-se à nova realidade, às diferentes formas de transmissão da notícia, um desafio vivido nos quatro cantos do globo terrestre. Passou-se a praticar o distanciamento social, com o objetivo de minimizar riscos de infecção, tal prática afetou diretamente o trabalho dos jornalistas, que costumavam ir ao campo em busca da notícia. Historicamente a natureza do trabalho do repórter consiste em deslocar-se até o local dos acontecimentos, porém a pandemia de SARS-Cov-2 reafirmou uma tendência que já era observada nos últimos anos, em que a tecnologia pode ser um importante aliado dos profissionais de comunicação social. Para Kieling “as ferramentas digitais são fundamentais, elas encurtam distâncias e fica muito mais fácil de trabalhar” (Kieling, 2021).

Carolina Cimenti (ver apêndices 10, 11 e 12), correspondente internacional da TV Globo, a maior emissora de televisão da América Latina, afirma que a redação de Nova Iorque foi a primeira de toda a empresa a decretar *homeoffice*, de cem por cento dos colaboradores, em março de 2020, devido à pandemia de Covid-19. Para a jornalista aquele foi um marco importante, já que a partir daquele momento a tecnologia passou a ter um papel ainda mais fundamental na rotina jornalística. “Nos primeiros dois meses de crise pandêmica todas as entrevistas foram realizadas *on-line*, tentei entrevistar uma pessoa presencialmente, mas fui proibida, portanto todas foram à distância” (Cimenti, 2021).

Izidoro (ver apêndice 15), correspondente internacional da Rede TV, em Portugal, destaca “atualmente trabalho sem equipe de produção, meu único parceiro hoje é a tecnologia. A tecnologia que me permite desenvolver e contar uma história” (Izidoro, 2021). Izidoro, jornalista há vinte e seis anos, trabalhou em diferentes estados brasileiros e desde que chegou em Portugal para ser correspondente internacional, cobre assuntos ligados ao continente

européu, além de Oriente Médio, portanto torna-se fundamental o acesso às agências de notícia e tal processo acontece através do uso da tecnologia.

A Internet é primordial, e a partir dela você tem acesso a agências de notícias que a emissora é parceira. Não há outra forma de acesso às agências, então as ferramentas tecnológicas são fundamentais. O mesmo aconteceu para o acesso às fontes de informação. De março a agosto a minha produção foi sobre assuntos relacionados a pandemia de covid-19 e cerca e 80 por cento das entrevistas foram retiradas de agências, portanto, com o auxílio das ferramentas digitais (Izidoro, 2021).

Para Santiago (2021), correspondente da RTP em Madrid, a pandemia representou o momento em que a realização de diretos e a produção de peças jornalísticas, a partir de casa, passaram a ser mais aceites.

Parece que era quase malvisto entrevistar alguém pelo *Skype*, era no caso de grandes coberturas, de grandes factos, no caso de a pessoa estar muito longe, de ser totalmente impossível mandar uma equipa e havia sempre alguns pudores, não é? Agora não. Agora inclusive algumas pessoas que já podem ir ao estúdio, mas preferem fazer a entrevista a partir de casa, porque percebeu-se que a mensagem é passada da mesma forma. Aqui o que está em questão é que, o que importa é a mensagem não é tanto a imagem, o cenário que está atrás, nada disso, é mesmo a mensagem. Portanto tanto passou a ser aceite entrevistar os nossos entrevistados desta maneira, como nos próprios fazermos os nossos diretos (Santiago, 2021).

Segundo Santiago (2021) a utilização da tecnologia tornou-se fundamental para as transmissões noticiosas (ver apêndice 13). “Há uns 15 anos seria totalmente diferente, porque nós não íamos ter a capacidade de entrar em direto. Poderíamos entrar ao telefone. Com toda a troca de informação, com a rapidez com que a informação circula, tinha sido impossível” (Santiago, 2021).

Nota-se que há semelhanças nas coberturas jornalísticas realizadas de março a agosto de 2020, sob a perspectiva de correspondentes internacionais que trabalham em diferentes países, Kieling, repórter da Band TV na Inglaterra afirma:

Eu fazia muitas entrevistas usando a Internet porque acabou sendo algo totalmente aceitável e muitas vezes eu fazia por *Zoom* (...) porque o conteúdo é mais importante do que a forma, é claro que a forma é importante, mas na pandemia era totalmente aceitável esse tipo de trabalho (Kieling, 2021).

A movimentada rotina jornalística foi moldando-se no decorrer dos acontecimentos acerca da crise epidêmica mundial. Na África do Sul, as mudanças ocorridas sob a ótica do correspondente internacional da TV Globo, Vinícius Assis (ver apêndice 9), também apontam para a utilização da tecnologia como forma essencial no trabalho dos media.

As ferramentas digitais fazem parte do meu trabalho. Sem elas seria impossível informar com rapidez. A pandemia me isolou na África do Sul. Em 25 de março de 2020 o presidente decretou *lockdown*, fechou as fronteiras (...). As ferramentas digitais tiveram um papel preponderante. Formamos um grupo de correspondentes internacionais da África Austral para nos auxiliarmos, um trabalho colaborativo entre os jornalistas (Assis, 2021).

Assis (2021) afirma que no início da pandemia fez inúmeras entrevistas com a utilização de ferramentas como *Zoom* e *Skype*, prática que tornou-se comum entre os correspondentes internacionais, que se viam impossibilitados de viajar ou sequer ir a determinados locais, além da dificuldade de marcar entrevistas presenciais com fontes. Assis destaca que uma série de entrevistas foi retirada das agências de notícias, que por sua vez, também fizeram o uso da tecnologia para realizá-las, além disso, até o aplicativo *Whatsapp* foi aceito para a prática e envio de mensagens como forma de fonte noticiosa. As adaptações também foram observadas por parte dos órgãos públicos, que perceberam a necessidade de transmitir informações precisas em tempos de pandemia. “O governo sul africano facilitou o trabalho das *mídias*, com entrevistas virtuais e coletivas de imprensa através de *Zoom*” (Assis, 2021).

De Londres, Kieling (ver apêndice 16) pondera que as adaptações na rotina dos media foram impulsionadas pela pandemia de Covid-19, mas destaca que foi um processo vivido nos últimos anos. Para Kieling (2021), o paradigma de tempo foi uma das grandes transformações.

A agilidade mudou, ficou muito mais rápido. Eu entrei ao vivo várias vezes, por exemplo com o celular da França, da Bélgica, em questão de

minuto para cobrir um atentado terrorista. Estava lá em Paris ligaram para mim entrar ao vivo foi fácil com o celular. Quando comecei a trabalhar na Band, eu lembro que quando tinha entradas ao vivo programadas, era necessário deslocar um caminhão, subir uma antena, fazer a conexão por telefone, as câmeras eram enormes, hoje em dia com um celular que tem uma qualidade excelente você consegue entrar ao vivo de qualquer lugar do mundo para o Brasil (Kieling, 2021).

Izidoro (2021) afirma que ao longo dos primeiros seis meses de pandemia em Portugal houve uma pressão maior sobre os jornalistas, que eram os principais interlocutores entre as notícias e o público. O volume de trabalho dos media aumentou consideravelmente, uma vez que com a presença da tecnologia era possível transmitir informações atualizadas com muita agilidade, o que por um lado cumpre o papel de noticiar com eficácia, mas também abre portas para a circulação de informações inverídicas, as *fakenews*.

A experiência profissional confere aos correspondentes internacionais qualidade no desenvolvimento das reportagens, além da capacidade de lidar com aspetos como informações que circulam sem veracidade de factos. Entretanto, não há garantia de técnicas pré-definidas para driblar as *fakenews*, a prática demonstra que conferir dados com fontes e informação é sempre o caminho mais assertivo.

Assis (2021) afirma que os jornalistas ficaram mais dependentes da Internet, diminuíram os deslocamentos, mas aumentaram as preocupações e responsabilidades. Os correspondentes internacionais produzem o conteúdo, realizam entrevistas, escrevem os roteiros, fazem as imagens e em alguns casos ainda editam as reportagens (Assis, 2021).

Segundo Cimenti (2021) ao comparar o jornalismo contemporâneo com as antigas formas de transmissão da notícia nota-se que houve uma evolução. Há pouco mais de uma década havia uma limitação muito maior, seja em relação as formas de produção de conteúdo jornalístico como nas técnicas. O processo de construção da notícia exigia um tempo, que nos dias de hoje é precioso para os media, percebe-se uma mudança no paradigma de tempo em jornalismo. Reportagens que demoravam dias para serem produzidas atualmente demandam poucas horas de dedicação. Sá Guerra (2021) destaca que um correspondente internacional precisa ter atenção aos orçamentos e por esse motivo as ferramentas digitais ganharam ainda mais protagonismo nas transmissões televisivas, para além da praticidade que a tecnologia acarreta. Contratar uma empresa para a transmissão via satélite ficou praticamente inviável para

as emissoras de televisão, uma vez que os equipamentos individuais, com o auxílio da tecnologia, dispõem de sinais de alta qualidade e com valores extremamente mais baixos (Sá Guerra, 2021).

A facilidade em conectar-se ao mundo acarretou uma série de consequências positivas e outras nem tanto. A começar pelo volume de trabalho, porque a tecnologia agilizou o processo de transmissão noticiosa, sobretudo em televisão, que exige um preparo técnico prévio. Nos dias de hoje é possível realizar reportagens com entrevistas, imagens, edição e entradas ao vivo utilizando apenas o celular, dessa forma, a quantidade de conteúdo produzido é muito maior, o que é bom, mas exige mais trabalho por parte dos jornalistas. Consegue-se fazer duas, três reportagens por dia, é possível realizar até seis entradas ao vivo, o que antigamente era muito mais complicado, quando não havia uma internet rápida, não havia celulares capazes de emitir sinais (Kieling, 2021).

Cimenti (2021) destaca que uma das adaptações nos primeiros meses de pandemia foi em relação a carga de trabalho, já que as notícias eram atualizadas de forma constante, os jornalistas estavam em casa, a comunicação era fácil devido ao acesso as ferramentas digitais e havia a questão do fuso horário, portanto foi difícil estabelecer um limite. “Tudo mudou, para começar nas primeiras semanas eu trabalhava quase vinte e quatro horas por dia, uma vez que eu não tinha que sair para trabalhar. Os correspondentes internacionais em Nova Iorque estavam em meio a um *breakingnews* constante” (Cimenti, 2021).

6 - As Técnicas Utilizadas e a Atualização dos Equipamentos

De acordo com Santiago (2021), há algumas décadas as emissoras de televisão costumavam investir em grandes estruturas, que possibilitavam a emissão e recepção de informações, dados, imagens e sinais de satélite para a produção de reportagens e entradas em direto. Mas todos os equipamentos foram substituídos por um aparelho que se coloca no bolso, o *smartphone*. Santiago (2021), repórter da RTP em Madrid, faz um paralelo entre a realidade que vive, dos dias atuais e de quando começou a trabalhar em redações televisivas.

Eu ainda sou do tempo dos caminhões, das carrinhas de transmissão, dos satélites. Eu lembro-me quando fui cobrir um tsunami no Srilanka em 2004, nós usávamos um vídeo fone para fazer direto. Para utilizar o vídeo fone era necessário apanhar o satélite, não nos podíamos mexer ao falar, porque se não a imagem ficava toda arrastada, tínhamos que mandar as peças ou com uma Internet muito má, que estava sempre a cair ou tínhamos que ir às televisões dos países locais para enviar as reportagens. Hoje em dia com o telemóvel fazemos tudo, é inacreditável, a tecnologia avançou de uma forma extraordinária (...) a tecnologia é uma ferramenta neste momento essencial para o jornalista (Santiago, 2021).

Cimenti (2021) afirma que quando começou a trabalhar como jornalista atuou em uma emissora de televisão britânica e que para as entradas ao vivo era necessária uma programação de pelo menos dois de antecedência, o que naturalmente perde o efeito do imediatismo do *hardnews*, uma vez que é impossível prever determinado acontecimento de cunho trágico, como guerras urbanas, incêndios, explosões e afins. No caso de transmissões a partir de outros países era ainda mais complicado, já que o motorista do caminhão de link, de onde partia o sinal via satélite, vivia na Holanda, portanto precisava ir dirigindo até o destino, o país dos acontecimentos. Toda a estrutura disposta na época, no entanto foi substituída por um *smarthphone*, nos casos de transmissões específicas, como foi a cobertura dos primeiros meses de Covid-19.

A repórter Carolina Cimenti foi a precursora das transmissões por telefone móvel da Rede Globo. Em 2014 Cimenti estava em Paris quando aconteceu uma série de ataques terroristas, naquele período os holofotes do mundo viraram-se para a capital francesa. Cimenti, que estava de férias, passou a gravar imagens dos acontecimentos e entrevistas com pessoas que estavam no local dos factos, a partir do celular, e o material era enviado para a redação da

TV Globo no Brasil. Pela primeira vez a emissora aceitou entradas ao vivo e reportagens realizadas com o uso exclusivo de telefone portátil, no principal produto jornalístico, o Jornal Nacional, que é o telejornal de maior destaque na América Latina.

O atentado aconteceu numa sexta à noite e a matéria que abriu o Jornal Nacional no sábado foi a minha reportagem, toda feita com o celular, quer dizer devia ter alguma coisa de imagem de agência, mas muitas imagens de celular, inclusive uma entrevista com uma família que estava lá no estádio (Cimenti, 2021).

As transmissões dos repórteres locais começaram a oscilar entre os grandes equipamentos que ainda existiam nas emissoras de televisão e as tecnologias menores que já circulavam nas redações, como o *Live-U*, que tem conexão com a Internet. Mas a pandemia de Covid-19 teve papel importante para a virada e a utilização massiva dos celulares como forma de transmissão. Para Santiago (2021), a necessidade de emitir notícias em tempo real fez com que fosse naturalizado o processo de produção noticiosa via telemóvel.

7 - Análise de peças jornalísticas - Correspondentes Internacionais

Tornou-se essencial para a presente pesquisa o desenvolvimento de um segundo momento empírico, com a análise de peças jornalísticas e diretos dos seis correspondentes internacionais entrevistados. A análise teve a finalidade de compreender como foram realizados, na prática, os trabalhos jornalísticos dos profissionais ao longo dos seis meses estudados, referente ao período inicial da pandemia de Covid-19, entre março e agosto de 2020. As duas etapas empíricas são complementares.

Ao todo foram analisadas duas peças jornalísticas de cada um dos correspondentes internacionais que participaram nas entrevistas, totalizando doze análises de diretos ou reportagens. O material foi retirado na Internet, uma vez que as peças foram transmitidas anteriormente.

O *corpus* da análise foi composto por oito reportagens e quatro diretos, priorizou-se a análise de matérias, uma vez que, as mesmas normalmente são mais longas e elaboradas com mais elementos jornalísticos, como: entrevistas, imagens, edição, participação do repórter em vídeo, gráficos e dados.

Optou-se por fazer a análise das peças jornalísticas em formato de tabela, a fim de proporcionar uma leitura mais clara e organizada do conteúdo. A pesquisadora estabeleceu uma série de perguntas que foram distribuídas em uma tabela, com a identificação do correspondente internacional, além de todos os jornalistas que tiveram alguma intervenção, ao longo de cada uma das peças. Para a realização das análises foram levados em conta os princípios básicos do jornalismo: o quê, quem, quando, onde e porque.

7.1 - Análise 1. Peterson Izidoro, correspondente internacional Rede TV Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Peterson Izidoro (repórter pesquisado) Mauro Tagliaferri (Âncora - Pivô)
Emissora de televisão e programa		RedeTV Rede TV News
Período da transmissão		2 de maio de 2020
Duração da transmissão		Três minutos e quinze segundos
Local da transmissão e destino		Portugal para o Brasil
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		Reportagem sobre o avanço de casos de Covid-19 e o aumento da crise humanitária na África.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		As imagens e as entrevistas da reportagem foram retiradas de agências de informação e a passagem do repórter foi realizada das ruas de Lisboa.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		As imagens foram realizadas por equipes das agências de informação, mas a parte em que o repórter aparece foi realizada por apenas uma

		<p>peessoa, com o auxílio de tripé, microfone e câmara.</p>
<p>Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?</p>		<p>As imagens e entrevistas foram realizadas por equipes das agências de notícias, com o auxílio de equipamentos, como câmeras profissionais, tripés, microfones e cinegrafistas. As entrevistas foram traduzidas para o português, para que pudessem ser veiculadas na RedeTV. A parte em que o repórter aparece foi realizada pelo jornalista sozinho, com o auxílio de tripé, microfone e câmara posicionada pelo próprio repórter, portanto sem uma equipe.</p>
<p>Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)</p>		<p>Ao longo da reportagem há entrevistas de personagens, pessoas que enfrentavam problemas de crise humanitária em decorrência da pandemia de Covid-19. Os personagens estão em países da África e foram entrevistados por jornalistas de agências de notícias.</p>
<p>As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?</p>		<p>As entrevistas foram realizadas no local dos acontecimentos, em países da África, pelas equipes de reportagem das agências de notícias e não pelo correspondente internacional.</p>

Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		As fontes de informação foram entrevistadas diretamente pelos jornalistas das agências de notícia, portanto as ferramentas utilizadas nas entrevistas são das equipes de reportagem das agências de notícias.
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Não há interação do repórter em Portugal com o âncora no Brasil, uma vez que é uma reportagem gravada.

Análise 1.1. Peterson Izidoro, correspondente internacional Rede TV Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Peterson Izidoro (repórter) Mariana Godoy (Apresentadora - pivô)
Emissora de televisão e programa		RedeTV Rede TV News
Período da transmissão		6 de maio de 2020
Duração da transmissão		Dois minutos e quarenta segundos
Local da transmissão e destino		A reportagem é realizada a partir de Portugal para o Brasil.

<p>Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?</p>		<p>A reportagem aborda estudos sobre o desenvolvimento de vacinas para combater o novo coronavírus.</p>
<p>O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?</p>		<p>O repórter transmite as informações a partir de Lisboa, em Portugal.</p>
<p>Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?</p>		<p>As imagens reproduzem laboratórios na Holanda que realizam estudos para a produção da vacina contra Covid-19, além da rotina das pessoas durante a pandemia em diferentes países da Europa. Tanto as imagens quanto as entrevistas foram realizadas por agências de notícia, portanto foram produzidas com o auxílio de equipas de reportagem, no local dos acontecimentos. A participação do repórter em vídeo é produzida pelo jornalista sozinho, com tripé, câmara e microfone.</p>
<p>Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?</p>		<p>As entrevistas e as imagens da reportagem foram realizadas por equipas de reportagem das agências de notícia. Já a participação do repórter em Portugal foi realizada pelo jornalista sozinho, com o auxílio de um kit correspondente.</p>

Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)		As entrevistas foram realizadas por equipes de jornalistas das agências de informação.
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?		As entrevistas acontecem no local dos acontecimentos, em um laboratório da Holanda, com um profissional da área da saúde e nas ruas da Europa, com pessoas aleatórias, o que em jornalismo é conhecido como povo-fala.
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		As fontes de informação não dispõem do auxílio de tecnologias próprias, uma vez que as entrevistas foram realizadas por jornalistas, com o auxílio de cinegrafistas.
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Não há a interação do repórter em Portugal com o apresentador no Brasil, já que trata-se de uma reportagem gravada.

7.2 - Análise 2. Felipe Kieling, correspondente TV Band - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Felipe Kieling (repórter) Paula Valdez (apresentadora - pivô)

Emissora de televisão e programa		TV Bandeirantes Jornal da Band
Período da transmissão		19 de abril de 2020
Duração da transmissão		Dois minutos e dois segundos
Local da transmissão e destino		Inglaterra (Londres) para o Brasil
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		A reportagem aborda o isolamento social na Itália e na Espanha durante a pandemia de Covid-19 e também fala da redução do número de mortes em decorrência da doença nos dois países, depois de um pico de vítimas fatais.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		As imagens ao longo da reportagem foram retiradas de agências de notícia, uma vez que os países em destaque não são o mesmo onde está o repórter. A passagem do jornalista, a parte em que o repórter aparece no vídeo foi realizada em Londres, com o auxílio de um <i>kit-correspondente</i> , tripé, câmara e microfone.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		As imagens da reportagem foram retiradas de agências de notícias, com o auxílio de equipes de jornalistas e cinegrafista, mas a parte em que o repórter aparece foi realizada pelos próprios jornalistas com o

		apoio de um <i>kit-correspondente</i> .
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?		A tecnologia é utilizada ao longo de toda a reportagem, seja nas imagens das agências de notícias, com câmeras profissionais e equipes de reportagem, como a passagem do jornalista, com o auxílio de tripé, luz, câmara e microfone.
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)		Ao longo da reportagem não há entrevistas. Outros meios de informações foram utilizados como fontes.
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?		Não há entrevistas ao longo da peça jornalística.
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		Não foram realizadas entrevistas na reportagem.
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Não há a interação do repórter com a apresentadora em estúdio, trata-se de uma reportagem previamente gravada e editada.

Análise 2.1 Felipe Kieling, correspondente TV Band - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Felipe Kieling (repórter) Eduardo Oinegue (apresentador - pivô)
Emissora de televisão e programa		TV Bandeirantes Jornal da Band
Período da transmissão		7 de julho de 2020
Duração da transmissão		Um minuto e trinta e oito segundos
Local da transmissão e destino		Inglaterra (Londres) para o Brasil
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		A reportagem aborda a pandemia de Covid-19, a peça tem o objetivo de informar a repercussão acerca do presidente brasileira Jair Bolsonaro ser o quarto líder mundial a contrair coronavírus do tipo SARS-Cov 2.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		O repórter transmite as informações a partir das ruas de Londres.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		O repórter trabalha sozinho a partir da Inglaterra, com o apoio de editores de imagens e de texto que estão no Brasil. Portanto todo o processo

		se dá com o auxílio da tecnologia.
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?		Há o auxílio de tecnologia em todo o processo de desenvolvimento da reportagem, com um <i>kit-correspondente</i> e o envio de imagens para os jornalistas no Brasil.
Há entrevistados? Quais os tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)		Não há entrevistas ao longo da reportagem.
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?		Não há entrevistas.
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		Não foram realizadas entrevistas ao longo da reportagem.
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Não há a interação entre o repórter e os apresentadores em estúdio.

7.3 - Análise 3 - Vinícius Assis, correspondente internacional TV Globo - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Vinícius Assis (repórter) Flávio Fachel (apresentador - pivô)
Emissora de televisão e programa		TV Globo Jornal Nacional
Período da transmissão		7 de junho de 2020
Duração da transmissão		Dois minutos e cinquenta e quatro segundos
Local da transmissão e destino		África do Sul para o Brasil.
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		De acordo com a reportagem os países africanos registram baixos números de vítimas de Covid-19.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		O repórter transmite as informações a partir das ruas da África do Sul.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		O trabalho realizado pelo repórter sozinho, sem equipe.
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?		Sim há o auxílio de ferramentas tecnológicas ao longo da transmissão

		das informações. O repórter usa
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)		A reportagem mostra a realidade de brasileiros vivendo na África e como tem sido enfrentar a pandemia de Covid-19 do país africano. A principal entrevista da reportagem é realizada pelo repórter o local dos acontecimentos, na casa da personagem. As demais entrevistas foram retiradas de agências de notícia.
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?		A reportagem é toda realizada com o auxílio das ferramentas digitais, as entrevistas foram realizadas com o uso do <i>kit-correspondente</i> e também com informações das agências de notícias.
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		As fontes de informação são entrevistadas por equipes de reportagem, com o auxílio de equipamentos tecnológicos.
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Como se trata de uma reportagem gravada, não há interação entre o repórter e o apresentador (pivô).

Análise 3.1 - Vinícius Assis, correspondente internacional TV Globo - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão	Vinícius Assis (repórter) Heraldo Pereira (pivô - apresentador)	
Emissora de televisão e programa	GloboNews Jornal da Dez	
Período da transmissão	10 de julho de 2020	
Duração da transmissão	Seis minutos e dez segundos	
Local da transmissão e destino	Joanesburgo - África do Sul (transmissão) Brasil (destino)	
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?	O repórter faz um direto com imagens sobre a pandemia de Covid-19 na África do Sul. O jornalista aborda dados referentes ao país e diz que a África do Sul está enfrentando uma situação complicada e delicada, já que grande parte da população vive em situação de miséria e fome.	
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?	O repórter realiza a transmissão do direto a partir de casa, na África do Sul e não do local dos acontecimentos.	
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?	O direto é realizado pelo correspondente internacional sem o auxílio de equipe de reportagem.	

Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?	Sim o jornalista utiliza uma câmara posicionada a partir de um tripé de dentro de casa, com a utilização de um microfone com fio e sinal de Internet para a transmissão do direto.	
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)	Não há entrevistados ao longo do direto.	
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?	O direto é realizado a partir da casa do repórter na África do Sul.	
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?	Não há fontes externas de informação.	
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?	Sim, a longo de toda a transmissão há a interação entre o correspondente internacional e o pivô (apresentador).	

7.4 - Análise 4 - Carolina Cimenti, correspondente internacional TV Globo - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Carolina Cimenti (repórter) Willian Bonner (apresentador - pivô)

Emissora de televisão e programa		TV Globo Jornal Nacional
Período da transmissão		4 de abril de 2020
Duração da transmissão		Dois minutos e cinquenta segundos.
Local da transmissão e destino		Nova Iorque (Estados Unidos da América) para o Brasil.
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		A reportagem fala do aumento do número de casos e mortes em decorrência do coronavírus do tipo SARS- Cov2.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		A repórter transmite as informações das ruas de Nova Iorque, portanto em ambiente externo.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		A reportagem é realizada com o auxílio de uma equipe de reportagem pequena, composta pela repórter e pelo cinegrafista.
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?		Foram utilizadas ferramentas tecnológicas para a produção da reportagem. Tanto na captação de imagens, quanto na transmissão do conteúdo para o Brasil.

<p>Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação?</p> <p>(especialistas, população, personagens)</p>		<p>As entrevistas foram realizadas de duas formas, uma delas foi retirada de agências de notícias, mas a entrevista principal com o personagem da matéria foi realizada por vídeo conferência.</p>
<p>As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?</p>		<p>As entrevistas acontecem das duas formas, a entrevista retirada de agências de notícia foi realizada no local dos acontecimentos, já a entrevista realizada pela repórter Carolina Cimenti precisou do auxílio de computadores para o acesso ao link da teleconferência.</p>
<p>Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?</p>		<p>A fonte entrevistada por teleconferência utilizou um computador pessoal a partir de casa. A entrevista realizada por agências de notícia foi produzida com uma equipe de jornalistas no local dos acontecimentos.</p>
<p>Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?</p>		<p>Não há interação entre repórter e apresentador, já que trata-se de uma reportagem gravada e editada.</p>

Análise 4.1 - Carolina Cimenti, correspondente internacional TV Globo - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão	Carolina Cimenti (repórter) Renata Vasconcellos (apresentadora - pivô)	
Emissora de televisão e programa	TV Globo Jornal Nacional	
Período da transmissão	4 de junho de 2020	
Duração da transmissão	Um minuto e quarenta e nove segundos	
Local da transmissão e destino	Nova Iorque (Estados Unidos da América) para o Brasil	
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?	A reportagem aborda as medidas de restrição impostas pelo governo americano como forma de diminuir o contato entre pessoas e a transmissão de Covid-19 e mostra um protesto nas ruas de Nova Iorque.	
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?	A repórter transmite as informações do local dos acontecimentos, das ruas de Nova Iorque, usando equipamentos de segurança, como a máscara.	

Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?	A repórter Carolina Cimenti transmite as informações com o auxílio do marido, que passou a trabalhar com a jornalista durante a pandemia, a fim de diminuir o contato entre ela e o cinegrafista.	
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?	A reportagem é realizada com o auxílio ferramentas tecnológicas, com o uso do kit correspondente.	
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)	Trata-se de uma entrada ao vivo (direto) sem a realização de entrevistas.	
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?	Não foram realizadas entrevistas.	
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?	Há a utilização de ferramentas digitais ao longo da reportagem, inclusive como forma de transmissão da notícia em direto, com uma tecnologia que transmite o sinal de vídeo e áudio dos Estados Unidos da América para o Brasil.	
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?	Há a interação da repórter com a apresentadora em estúdio. A pivô Renata Vasconcellos faz perguntas em mais de um momento para a repórter Carolina Cimenti que responde do local dos acontecimentos.	

7.5 - Análise 5. Daniela Santiago, correspondente internacional - RTP Portugal - Espanha

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão	Daniela Santiago (repórter) Carlos Daniel (pivô - apresentador)	
Emissora de televisão e programa	RTP Jornal da Tarde	
Período da transmissão	28 de maio de 2020	
Duração da transmissão	Dois minutos e cinquenta segundos	
Local da transmissão e destino	Espanha (Madrid) para Portugal	
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?	Ao longo do direto a repórter apresenta os dados relacionados com a pandemia de Covid-19. De acordo com as informações o número de casos e de mortes em decorrência da doença aumentou na Espanha. A repórter também fala sobre a crise econômica impulsionada pela pandemia.	
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?	As informações são transmitidas a partir das ruas de Madrid, na Espanha.	

Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?	O direto é realizado com o auxílio de ferramentas digitais, com apoio de um cinegrafista.	
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?	Há o uso de ferramentas digitais ao longo do direto.	
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)	Não há entrevistados. Trata-se de um direto realizado apenas pela repórter.	
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?	Não há entrevistas.	
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?	Não há entrevistas ao longo do direto.	
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?	Há a interação entre o pivô e a repórter. O apresentador fez uma pergunta de partida e a repórter responde e aborda dados ligados a pandemia de Covid-19.	

Análise 5.1 - Daniela Santiago, correspondente internacional - RTP Portugal - Espanha

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Daniela Santiago (repórter) João Adelino Faria (pivô - apresentador)

Emissora de televisão e programa		RTP Telejornal
Período da transmissão		26 de maio de 2020
Duração da transmissão		Dois minutos e trinta e cinco segundos.
Local da transmissão e destino		Espanha para Portugal
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		A reportagem fala sobre os casos de Covid-19 e mostra que gradativamente os estabelecimentos comerciais estavam abrindo as portas, depois de um longo período de confinamento.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		Toda a reportagem é realizada pela equipe de reportagem a partir do local dos acontecimentos.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		A peça jornalística é realizada por uma equipe de reportagem, composta pela repórter e pelo cinegrafista.
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?		A equipe de reportagem utiliza ferramentas tecnológicas ao longo do processo de produção noticioso. Além do equipamento utilizado em externa, as imagens foram geradas para Portugal com o auxílio da tecnologia.

Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)		As fontes de informação são pessoas entrevistadas pela repórter pessoalmente, com o auxílio do equipamento, como câmara e microfone.
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?		As entrevistas são realizadas em ambiente externo, no local dos acontecimentos.
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		As fontes de informação utilizam as ferramentas tecnológicas disponibilizadas pela equipe de reportagem.
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Não há a interação entre repórter e apresentador, uma vez que trata-se de uma reportagem gravada e editada.

7.6 - Análise 6. Pedro Sá Guerra, correspondente internacional - RTP - Portugal - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão		Pedro Sá Guerra (repórter) João Adelino Faria (pivô - apresentador)
Emissora de televisão e programa		RTP Telejornal
Período da transmissão		27 de junho de 2020

Duração da transmissão		Dois minutos e quinze segundos.
Local da transmissão e destino		Rio de Janeiro - Brasil (local da transmissão) Portugal (destino)
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?		A reportagem aborda os dados da pandemia de Covid-19 no Brasil. Ao longo da reportagem o jornalismo afirma que há um descontrolo, devido ao aumento do número de infectados e mortos em recorrência da doença.
O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?		O repórter transmite as informações a partir de casa. O jornalista utiliza o auxílio de ferramentas tecnológicas para fazer as entrevistas por vídeo conferência. Pedro Sá Guerra utilizou imagens de agências de informação para poder editar a reportagem.
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?		A reportagem é realizada a partir de casa, com o auxílio de computador para proceder as entrevistas. Porém para que toda a reportagem fosse editada, foram usadas imagens externas, realizadas por equipas de reportagens das agências de informação. O <i>off</i> da reportagem foi gravado a partir de casa, enviado para o editor. O editor utilizou as imagens de agências de notícia para finalizar a peça

		jornalística, para que então, com o auxílio da tecnologia o material fosse enviado na íntegra para Portugal.
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?		Sim, todo o processo de construção da reportagem exigiu a utilização de ferramentas tecnológicas. Desde a captação das imagens, a realização das entrevistas, a gravação do <i>off</i> , edição da peça jornalística até o envio do material para a sede da emissora, a RTP em Portugal.
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)		Ao longo da reportagem foram entrevistados profissionais da área da saúde, as entrevistas foram realizadas por teleconferência.
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?		O repórter realizou as entrevistas com profissionais da área da saúde, a partir de casa, com o auxílio da tecnologia. As entrevistas foram realizadas por vídeo conferência, gravadas e transmitidas ao longo da reportagem.
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?		Sim as fontes de informação utilizaram o auxílio de computadores e câmeras acopladas para poderem conversar com o repórter.

Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?		Trata-se de uma reportagem gravada, portanto não há a interação entre repórter e apresentador em estúdio.
---	--	---

Análise 6.1 - Pedro Sá Guerra, correspondente internacional - RTP - Portugal - Brasil

	Direto	Reportagem
Identificação do repórter e demais jornalistas envolvidos na transmissão	Pedro Sá Guerra (Repórter) Helder Silva (Apresentador - pivô).	
Emissora de televisão e programa	RTP Jornal da Tarde	
Período da transmissão	17 de abril de 2020	
Duração da transmissão	Dois minutos e quarenta e cinco segundos	
Local da transmissão e destino	Rio de Janeiro - Brasil (transmissão) Portugal (destino)	
Qual a tipologia do conteúdo informativo e enfoque dado na transmissão?	Ao longo do direto o repórter apresenta dados referentes a Covid-19 no Brasil O correspondente internacional menciona dados informativos e noticia as últimas informações segundo o governo brasileiro.	

O repórter transmite as informações do local dos factos ou em ambiente interno?	O repórter Pedro Sá Guerra transmite as informações a partir de casa, no Rio de Janeiro	
Visivelmente, nota-se que o trabalho é realizado em equipe, ou o repórter está sozinho?	O direto é transmitido apenas pelo repórter, sem o auxílio de uma equipe de reportagem.	
Visivelmente, há o auxílio de ferramentas tecnológicas, na transmissão?	Sim o direto é transmitido por um computador, portanto por teleconferência, com o auxílio da tecnologia.	
Há entrevistados? Quais tipos de fontes de informação? (especialistas, população, personagens)	Trata-se de um direto, o repórter transmite as informações, sem realizar entrevistas.	
As entrevistas são realizadas, em ambiente externo ou interno?	Não há entrevistas.	
Visivelmente, as fontes possuem auxílio de ferramentas digitais?	Não há fonte externas de informação.	
Há a interação do repórter com apresentadores em estúdio? Como é realizada a interação?	Ao longo de toda a transmissão há a interação entre o repórter e o apresentador (pivô). Trata-se de um direto em que o pivô abre a transmissão com uma pergunta referente ao número de casos de Covid-19 no Brasil e ao longo da conversa o pivô faz questionamentos, que são respondidos pelo repórter.	

8 - Discussão de resultados

O jornalismo internacional da contemporaneidade exige profissionais extremamente dinâmicos, capazes de lidar com diferentes pressões, seja da própria natureza dos acontecimentos, da demanda de reportagens por parte do país de origem, o imediatismo como valor noticioso, dominar ferramentas tecnológicas e a capacidade de adaptar-se a desafios como uma pandemia mundial.

Impulsionado pelos avanços da tecnologia o paradigma de tempo em jornalismo mudou, os *dealines* são cada vez menores, alavancando a necessidade da atualização das notícias mais de uma vez dentro da mesma edição do telejornal.

Ao longo desta pesquisa constatou-se uma série de elementos que demonstram transformações nas formas de transmissão da notícia. Nota-se que todas as peças jornalísticas e diretos analisados tiveram como base de transmissão o auxílio das diferentes tecnologias, seja na captação de imagens, na realização de entrevistas, na produção de reportagens, quanto na transmissão das informações.

A evolução das formas de produção noticiosa está intrinsecamente ligada a estruturas tecnológicas, que por sua vez estão em constante transformação. A pesquisa permitiu verificar a presença essencial das ferramentas tecnológicas na rotina jornalística, sobretudo no período inicial da pandemia de Covid-19, que representou uma ruptura no padrão até então aceito. Para Marcondes Filho (2002), o jornalismo tornou-se um disciplinamento técnico antes que uma habilidade investigativa ou linguística. As circunstâncias de uma realidade pandémica mundial vieram acelerar uma tendência, antes observada, de utilizar a tecnologia como aliada em todo o processo de construção da notícia. Destaca-se a transmissão informativa, processo pelo qual a presença tecnológica se dá de forma inseparável. O jornalismo vive um momento de mudanças, que representam rupturas no processo (Natividad, 2020). O contexto acelerado de produção noticiosa veio a ser impulsionado pela necessidade de manter o planeta informado acerca de assuntos relacionados a pandemia. Moreira (2020), destaca que no decorrer da cobertura jornalística sobre a Covid-19, houve uma transformação no que se refere as formas de transmissão da notícia, já que os repórteres passaram a transmitir as informações a partir de ambientes fechados e não mais do terreno dos acontecimentos, a fim de evitar o contacto com o vírus. As fontes de informação passaram a conceder entrevistas através de vídeos, com o auxílio as ferramentas digitais. Ogbodo (2020) afirma que a cobertura jornalística global sobre

a crise de saúde, referente aos primeiros meses da pandemia de Covid-19, moldou a compreensão por parte do público acerca do assunto.

Os jornalistas na diáspora tendem a depender e utilizar conscientemente as ferramentas tecnológicas; em certos casos, há um grau de dependência tecnológica para que a informação seja transmitida em tempo real. Portanto, as ferramentas digitais transformaram as formas de transmissão noticiosa e consequentemente a rotina jornalística. Para Izidoro (2021) a tecnologia tornou-se uma aliada essencial no dia a dia dos correspondentes internacionais. A teoria determinista tecnológica pressupõe justamente que o desenvolvimento da tecnologia condiciona as mudanças e estruturas sociais. Marcondes Filho (2002) afirma que o bom jornalista passou a ser aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das demandas de produção noticiosa e não mais os profissionais munidos de conhecimento teórico. Os jornalistas devem ser adaptáveis e ter a capacidade de serem peças universais, acopláveis ao sistema de produção de informações (Marcondes Filho, 2002, p.26).

Os tempos mudaram é facto e o jornalismo não ficou para trás, na era da conectividade noticiar sob as pressões de tempo e exatidão não permitem perda de tempo em processos falhos, portanto as ferramentas digitais vieram de encontro a esta realidade e indiscutivelmente colaboram no processo de difusão da comunicação. A tecnologia proporciona acesso a um grande volume de informações, entretanto o papel de seleccionar assuntos de forma criteriosa é dever jornalístico. Na contemporaneidade inserida em um mar de infinitas possibilidades informativas nunca foi tão essencial o papel do jornalista profissional, que transmite informações com responsabilidade. Destaca-se a função de *newsmaker* dos correspondentes internacionais, uma vez que estão presentes ativamente em todo o processo e tornam-se construtores de notícias, mais do que caçadores de informações (Retegui, 2017). O *newsmaking* pressupõe que o processo de produção noticiosa leva em conta uma série de critérios, como: valores da notícia, informações, fontes e as relações pessoais dentro das organizações para definir o que será publicado (Hohlfeldt, 2001).

Os avanços da tecnologia e sua aplicabilidade ao jornalismo abriram novos horizontes a nível global. A difusão tecnológica vai além e conecta o mundo de forma unânime, mas há um terreno incerto, por onde circulam todos os tipos de informação, por conseguinte destaca-se o trabalho essencial dos media, como profissionais da comunicação social, que exercem um papel isento perante as informações, confrontam dados, para além da ação prática de combate às *fakenews*.

A tecnologia por sua vez, inserida no contexto das comunicações permite mobilidade aos jornalistas. As ferramentas tecnológicas, como: telemóveis, *tablets* e câmeras portáteis reposicionaram as discussões sobre o jornalismo e a mobilidade (Barbosa & Mielniczuk, 2013). O digital aprimorou o ambiente tecnológico e ampliou o alcance das práticas jornalísticas. As ferramentas digitais introduziram características marcantes no estilo jornalístico, desde a coleta de informações até a distribuição das notícias (Zelizer, 2019, p.344). O acesso informativo é possível de qualquer parte do planeta, onde haja acesso à Internet. Porém ganhou-se tempo em detrimento da qualidade, no que se refere a parte técnica. Não há como equivaler imagens produzidas ao longo de dias, com o auxílio de grandes equipes de reportagem, com filmagens realizadas às pressas pelo mesmo profissional que transmite as notícias. Ainda assim as redações optam por produções mais rápidas, feitas com telemóveis de última geração, que garantem gravações com alta qualidade de imagem e uma difusão informativa ágil. De acordo com Hamilton & Jenner (2004), pressões financeiras têm impulsionado mudanças nas formas de transmissão da notícia, se comparado ao modelo tradicional de correspondência internacional. Sá Guerra (2021), destaca a importância de levar em conta o orçamento das transmissões internacionais, nesse sentido as ferramentas tecnológicas vieram facilitar o processo como um todo. Para Izidoro (2021), sem a tecnologia os correspondentes internacionais não conseguiriam fazer nada. Sem um computador com Internet para ter acesso às agências de notícias, sem um bom programa de edição para cortar as entrevistas e já enviar a reportagem pré-editada, não seria possível realizar as reportagens (Izidoro, 2021).

O advento da tecnologia trouxe novas perspectivas para a produção jornalística como um todo. A informação é a matéria prima do jornalismo, de onde surge o conteúdo necessário para o desenvolvimento de reportagens e diretos; um dos reflexos do desenvolvimento tecnológico é o aumento substancial de informações circulando e a facilidade de acesso as mesmas. Os profissionais da área de comunicação social adaptaram-se às novas realidades da conectividade e, provavelmente, o setor internacional das redações tenha sido a editoria que mais presenciou mudanças nos últimos anos. Observa-se o processo de forma ampla, desde a apuração do conteúdo até a transmissão em si.

A pandemia de Covid-19 teve um papel importante nas formas de transmissão noticiosa, sobretudo no dia a dia dos correspondentes internacionais. A pandemia interrompeu o modo de vida que conhecíamos até então, o mundo viu-se em teletrabalho, incluindo os jornalistas, uma categoria que sempre esteve no local dos acontecimentos. Foi a partir da pandemia que muitos

telejornais passaram a aceitar modelos de transmissão, até então barrados pelos diretores de jornalismo. A transmissão de Covid-19 tomou uma escala global e os correspondentes precisavam relatar os factos, por outro lado as restrições impediam grandes movimentos físicos e o contato entre os integrantes das equipas jornalísticas. A partir de então, o conteúdo foi colocado à frente da estética. Salas de casa tornaram-se estúdios, familiares de correspondentes internacionais passaram a auxiliá-los no processo de transmissão noticiosa e o jornalismo rapidamente adaptou-se. Moreira (2020) afirma que em tempos de pandemia não se justifica colocar os jornalistas em risco de contaminação, indo ao terreno dos factos. Os novos modelos de transmissão, aceitos a partir dos primeiros meses da pandemia, porém, passaram a ditar as regras ao período subsequente. Uma vez que, notou-se a eficácia, sem quaisquer ruídos, na recepção das informações.

O conteúdo relacionado à pandemia de Covid-19 ganhou espaço massivo em todos os veículos de comunicação de massa em escala global, nota-se que os telejornais foram dominados pela necessidade de transmitir informações relacionadas a pandemia, portanto a população também foi inserida no contexto de discutir diuturnamente factos relacionadas a Covid-19. Para McCombs (2004), a teoria do *agenda-setting* decorre da capacidade dos meios de comunicação em influenciar na configuração da agenda pública. O enquadramento apresentado pelos media, portanto o *framing* condiciona a forma de compreensão por parte do público (Bullock & Shulman, 2021). A teoria do *framing* aprofunda-se na ideia de que os media exercem papel fundamental de influenciar a agenda pública, uma vez que as notícias publicadas possuem um mecanismo de persuasão, dessa forma, os assuntos veiculados são aqueles que irão ganhar mais destaque na sociedade.

Nota-se que a tecnologia esteve presente nas diferentes etapas do próprio estudo, a pesquisadora utilizou ferramentas tecnológicas em todo o processo, desde a consulta e leitura de artigos *on-line*, a definição dos correspondentes internacionais mais relevantes para a pesquisa, o contacto com os seis jornalistas entrevistados, uma vez que a maioria vive fora de Portugal, país onde se encontrava a pesquisadora no momento das intervenções; as entrevistas com os correspondentes e as reuniões com a orientadora foram realizadas por plataformas de conferência de vídeo e a análise dos programas jornalísticos que foram reproduzidos e assistidos via Internet, já que se tratava de programas já veiculados anteriormente.

A pesquisa teve como base empírica a rotina de seis jornalistas da diáspora, que por sua vez vivem em diferentes países, portanto puderam relatar suas experiências, a fim de

contribuam com o desenvolvimento do estudo. Não por acaso, os repórteres entrevistados vivem em três continentes diferentes, América do Sul, América do Norte, Europa e África, entretanto observa-se uma série de intersecções em suas formas de transmissão noticiosa, sobretudo no que se refere a presença tecnológica na transmissão noticiosa. De acordo com Assis (2021) o uso das ferramentas digitais é fundamental no trabalho televisivo e seria impossível realizar o trabalho que exerce na diáspora sem o auxílio da Internet. Kieling (2021) aponta o imediatismo jornalístico como um dos pivôs das transformações: há muitas notícias circulando nas redes, portanto há também mais pressão pela agilidade na transmissão informativa e a Internet é o ponto chave nesse processo. Todos os correspondentes entrevistados enfrentaram desafios e adaptaram-se no período inicial da pandemia, e incluíram ferramentas tecnológicas como formas de auxiliar suas transmissões televisivas. É verdade que a tecnologia já estava presente no dia a dia jornalístico, mas pandemia de Covid-19 veio alavancar o processo.

Santiago (2021) destaca que a partir do aumento mundial do número de casos de infectados e também de mortos em decorrência de SARS-Cov-2 as emissoras de televisão passaram a aceitar diferentes formas de transmitir informações, que fugiam dos padrões antes estipulados pelas empresas de comunicação de massa. Para Santiago (2021) o processo de produção noticiosa tornou-se mais maleável, houve uma quebra em relação aos aspectos burocráticos na rotina jornalística e determinadas adaptações devem ser integradas nas formas de transmissão da notícia, mesmo no pós-pandemia. Cimenti (2021) afirma que todas as entrevistas realizadas a partir de Nova Iorque para o Brasil nos primeiros meses da pandemia de Covid-19 foram realizadas a partir de casa, pelo computador, com o auxílio da Internet por vídeo conferência, um padrão que até então não era aceito nos principais telejornais da TV Globo. Portanto nota-se que procedimentos como entrevistas *on-line* e transmissões a partir de casa, foram integrados de forma natural ao processo de produção noticiosa. Na perspectiva determinista tecnológica considera-se que o desenvolvimento tecnológico condiciona sobremaneira as mudanças e as estruturas sociais (Chandler, 1995). O surgimento da tecnologia impulsiona transformações profundas em todas as esferas da sociedade. De acordo com McLuhan (1969), as máquinas alteram fundamentalmente as relações pessoais e interpessoais. Laitinen & Valo (2018), classificam *technological frames* como um subconjunto das estruturas organizacionais, que permite uma comunicação mediada pela tecnologia e inclui reuniões virtuais em equipe.

Em tempos de pandemia o *kit-correspondente* tornou-se ainda mais essencial, ferramentas foram agregadas aos equipamentos e repórteres que atuavam em equipe precisaram tornar-se polivalentes da noite para o dia (ver apêndices 8, 10, 11 e 12). Santiago (2021) afirma que nos primeiros meses da pandemia de Covid-19 adquiriu tripé e iluminação necessários para as transmissões sozinha a partir de casa. Cimenti (2021) por sua vez destaca que as transformações foram muito dinâmicas, sobretudo nos primeiros dias da cobertura, quando os repórteres internacionais da TV Globo receberam *kits-correspondente* com a finalidade de poder transmitir as notícias com rapidez e evitando o contato entre integrantes da equipe de reportagem. Observamos que cada vez mais as redações necessitam de profissionais multimídia, que além do conhecimento teórico exercem funções de ordem prática e técnica. Confirma-se assim a afirmação de Hahn, Stalph, & Steller (2018), que defendem que os correspondentes estrangeiros devem incorporar a tecnologia da Internet ao seu trabalho diário e jamais competir com ela.

As peças jornalísticas analisadas apresentam elementos que demonstram a constante utilização das diferentes tecnologias no processo de construção da notícia, seja no momento da apuração informativa, na gravação em si, como nas entrevistas, no envio de imagens e conteúdo de áudio para o país de origem, na edição das reportagens e na transmissão dos diretos. A tecnologia condiciona ritmo e agilidade na produção noticiosa. A utilização das ferramentas tecnológicas está cada vez mais intrínseca à atividade jornalística. Para Zelizer (2019) é difícil separar o jornalismo da tecnologia, tendo em conta que o jornalismo depende de uma ou mais ferramentas tecnológicas para produzir mensagens e compartilhá-las com o público. “Não tenho produção, meu único parceiro hoje é a tecnologia” (Izidoro, 2021).

No contexto pandémico em que todas as informações surgiam como novidade, havia uma insegurança mundial acerca de tudo que envolvia os assuntos ligados ao novo coronavírus: foi necessário um distanciamento social a nível mundial, mas a separação física veio a estreitar as conexões em rede. O mundo nunca esteve tão conectado, no que se refere à esfera da Internet. O conteúdo foi colocado à frente da estética e do apuro técnico em todos os níveis de transmissões televisivas. Novos conceitos de transmissão informativa foram observados e passaram a ser rapidamente integrados aos grandes telejornais do Brasil e de Portugal. Era necessário manter o mundo informado sobre os acontecimentos, de forma dinâmica, rápida e eficaz. As ferramentas tecnológicas que ensaiavam ganhar espaço foram agregadas ao processo de transmissão da notícia de forma natural. Não houve espaço de tempo para titubear, era tudo

ou nada, investir em transmissões mais simples e diretas. Por isso os primeiros meses da pandemia foram tão decisivos para o período a seguir, já que foi nos primeiros meses da pandemia de Covid-19 que o jornalismo se reinventou mundialmente.

O padrão idealizado, e inquestionado até então, de jornalismo profissional deu espaço ao jornalismo realizado por bons profissionais que assumiram os riscos de transmissões internacionais com apenas uma pessoa. Os profissionais multimídia, que já eram alvo das grandes empresas, mostraram de vez o seu valor. Foi um movimento sem volta, no sentido de que a partir das primeiras transmissões com pequenas ou micro equipes, compostas muitas vezes por apenas uma pessoa, abriu-se uma janela que estava entreaberta para um novo horizonte. De acordo com Santiago (2021), no período inicial da pandemia, as transmissões a partir de casa se tornam parte essencial do trabalho jornalístico internacional, até então os veículos de comunicação de massa consideravam pouco profissional entrevistar fontes informativas por teleconferência, no caso dos grandes factos. A partir da pandemia houve uma transformação na forma de pensar e produzir jornalismo, o que foi colocado em causa é que o verdadeiro valor está na mensagem e não tanto na imagem, no cenário, portanto passou a ser aceite entrevistar pessoas à distância e inclusive fazer diretos da mesma forma (Santiago, 2021).

Torna-se interessante analisar que a ruptura vivida pelos jornalistas em tempos de pandemia, se deu em todo o planeta, enquanto a repórter da TV Globo Carolina Cimenti enfrentava desafios para conseguir transmitir as notícias de Nova Iorque para o Brasil, a correspondente internacional da RTP em Madrid, Daniela Santiago também criava estratégias, junto com a sua redação baseada em Portugal, para lidar com a realidade atípica de uma pandemia mundial. Nota-se que as alternativas encontradas pelos jornalistas da diáspora foram semelhantes, tiveram como base essencial as ferramentas tecnológicas, para que os modelos de transmissões fossem realizados com rapidez e assertividade.

Neste estudo não há a pretensão de romantizar o processo como se não houvesse falhas. A influência da tecnologia no processo de construção da notícia passa por etapas que poderiam e talvez deveriam ser realizados por grandes equipes, mas o desenvolvimento neste caso, está condicionado justamente a redução de custos e consequentemente das equipes. É a agilidade na transmissão em detrimento de outros fatores que por ora ficam deixados de lado. É necessário avaliar o processo como um todo e perceber que a eficácia na transmissão da notícia impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico continua e continuará sendo prioridade e

enquanto a tecnologia caminhar no sentido de trazer novas perspectivas nesse sentido, o movimento de crescimento seguirá na mesma direção.

Considerações Finais

A propósito de responder à pergunta de partida deste estudo: qual a relevância das ferramentas digitais no processo de *newsmaking* realizado por correspondentes televisivos internacionais, durante a pandemia de Covid-19? Definiu-se como objetivo geral: compreender a relevância das ferramentas digitais no processo de produção e transmissão noticiosa por correspondentes internacionais, no período da pandemia de Covid-19.

Com o intuito de cumprir os objetivos específicos: 1) compreender o papel das tecnologias digitais no processo de transmissão da notícia realizada por correspondentes televisivos internacionais, durante a pandemia de Covid-19, levando em conta o conteúdo que chega ao público. 2) Compreender o processo evolutivo na rotina dos correspondentes televisivos internacionais, impulsionado pelos avanços tecnológicos, levando em conta as técnicas utilizadas e a tipologia de conteúdo que chega ao ecrã. O estudo foi composto pelo embasamento teórico, além de duas etapas empíricas, a produção de entrevistas em profundidade com seis correspondentes televisivos internacionais e a análise de duas peças jornalísticas de cada um dos entrevistados. Não por acaso foram selecionados jornalistas que trabalham em três continentes diferentes: América do Sul, América do Norte, Europa e África, a fim de globalizar o estudo e compreender como decorreu a rotina jornalística nos jornalistas nos mais variados países em tempos de pandemia. O recorte temporal determinado pela pesquisadora foi de seis meses correspondente ao período entre março de 2020, quando foi registrado o primeiro caso de Covid-19 em Portugal e agosto do mesmo ano. As reportagens e diretos analisados foram veiculados no mesmo semestre. Foi possível responder aos objetivos propostos e compreender que a tecnologia de facto exerceu uma influência determinante na produção noticiosa ao longo do período estudado.

Os primeiros meses da pandemia representaram justamente o período de adaptação dos correspondentes internacionais. Os jornalistas da diáspora foram os que estiveram na linha de frente das transformações na rotina jornalística como um todo. Era necessário transmitir os acontecimentos em tempo real, entretanto também havia a necessidade do distanciamento social. Sem titubear as editoriais internacionais colocaram a informação à frente da estética. As transmissões a partir de casa tornaram-se parte do dia a dia dos repórteres. Conforme as restrições foram sendo retiradas, algumas mudanças foram acopladas a rotina jornalística.

Comprovou-se a que as ferramentas tecnológicas estão ligadas de forma intrínseca à atividade jornalística.

Com o intuito de analisar e discutir os dados obtidos na pesquisa foram utilizadas três teorias de comunicação de massa: *Framing*, *newsmaking* e determinismo tecnológico, que foram colocados no contexto do estudo e levaram a pesquisadora a concluir que a influência da tecnologia na transmissão da notícia televisiva na rotina dos correspondentes internacionais foi acelerada ao longo do período pesquisado. À medida que os jornalistas publicavam notícias acerca da pandemia, o assunto era ainda mais consumido pelos telespectadores, mundo a fora e gerava mais interesse por parte do público. Para McCombs (2004), a teoria do *agenda-setting* corresponde justamente a capacidade dos meios de comunicação de massa de influenciar na configuração da agenda pública. Surge ainda o *technological frames* que vem de encontro a presente pesquisa, com a premissa de que há um subconjunto nas estruturas organizacionais, que permite uma comunicação mediada pela tecnologia, que inclui reuniões virtuais em equipe (Laitinen & Valo, 2018). Cenário que foi vivenciado ao longo dos primeiros meses da pandemia de Covid-19 em escala global e passou a ditar as regras das novas formas de produção noticiosa, com a presença cada vez mais massiva das ferramentas digitais.

Os correspondentes internacionais, são provavelmente os jornalistas mais ativos no processo de *newsmaking*. Os repórteres na diáspora desempenham um papel fundamental para que a notícia seja publicada, fazem parte de todo o processo construtivo, desde a o surgimento da informação até a lapidação da reportagem. Os jornalistas são construtores de notícias, mais do que caçadores de informações (Retegui, 2017).

A tecnologia está intrinsecamente ligada ao trabalho jornalístico, sobretudo em televisão, onde conteúdo e forma devem andar juntos. Ao longo dos primeiros meses da pandemia de Covid-19, entretanto, o jornalismo precisou adaptar-se rapidamente e mostrou que a informação está acima da estética. Os grandes telejornais passaram a aceitar modelos mais distantes da estética inicialmente desejada. A tecnologia afeta na maneira como os indivíduos agem e interagem na recepção das mensagens “o meio é a mensagem” (McLuhan, 1969, p.21). A concepção determinista tecnológica considera a relação entre tecnologia e sociedade como unidirecional, na qual o desenvolvimento social seja consequência direta do desenvolvimento tecnológico (Chandler, 1995). Na perspectiva determinista considera-se que o desenvolvimento tecnológico condiciona sobremaneira as mudanças e as estruturas sociais.

Surgiu uma pressão pela transmissão dinâmica dos factos de uma forma nunca antes vivida em escala global. O distanciamento social impôs a redução de equipas e a pandemia aumentou o interesse público por assuntos relacionados a Covid-19, foi então que os correspondentes internacionais transformaram salas de casas em pequenos estúdios e rapidamente equiparam-se com as ferramentas necessárias para transmissões rápidas e assertivas. A pandemia veio abrir uma janela entreaberta para um horizonte que já era longinquamente observado pelas redações mundo fora. As primeiras transmissões televisivas acerca do Covid-19 em escala global determinaram formas de transmissão que antes não eram aceites.

Destaca-se a relevância da pesquisa, uma vez que abordou-se um contexto pandémico mundial, um tema ainda considerado novo no âmbito académico, um momento histórico que impulsionou transformações no quotidiano jornalístico, nos três continentes estudados no presente artigo, Europa, África, América do Norte e América do Sul.

Ao longo do processo de produção da pesquisa observou-se uma limitação: todas as entrevistas foram realizadas por vídeo conferência, talvez fosse interessante para a pesquisadora ter a oportunidade de conversar com algum dos correspondentes internacionais pessoalmente, mas a pandemia de Covid-19 e a rotina atribulada dos jornalistas possibilitou entrevistas *online*.

A fim de realizar estudos doravante acerca do assunto, sugere-se uma pesquisa que tenha o intuito de abordar um recorte temporal maior em relação ao já pesquisado, com o objetivo de compreender os rumos da influência tecnológica na transmissão noticiosa em tempos de pandemia de forma macro, portanto indica-se analisar o trabalho jornalístico ao longo do primeiro ano da pandemia de Covid-19. Há a possibilidade de ampliar a pesquisa tendo em conta a percepção do público, desta forma seria necessário um aprofundamento de dados compondo um estudo misto, portanto, incluindo uma fase empírica quantitativa, com um número relevante de telespectadores e suas impressões sobre as formas de transmissão noticiosa em tempos de pandemia.

Referências Bibliográficas

- Arbório, A., & Fournier, P. (2015). *L'Observation Directe*. Paris: Armand Colin
- Archetti, C. (2013). Journalism the City. Redefining the Spaces of Foreign Correspondence. *Journalism Studies*, 15/5. 586-595
doi: 10.1080/1461670X.2014.894354
- Barbosa, S., & Mielnicuz, L. (2013). *Jornalismo e Tecnologias Móveis*. Covilhã: Livros Labcom books
- Bastos, H., & Zamith, F. (2012). *Ciberjornalismo: Modelos de negócios e Redes sociais*. Porto: Companhia das Artes
- Bondheim, M. (1994). *News over the Wires: the telegraph and the flow of public information in America*. Cambridge: Harvard Univesrity Press.
- Bryman, A. (2004). *Social Research Methods - 2nd Edition*. Oxford: University Press.
- Cagé, J. (2016). *Salvar os Média*. Lisboa: Temas e Debates
- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar
- Chandler, D. (1995). Technological or Media Determinism: Technology-led theories.
<http://www.aber.ac.uk/media/Documents/tecdet/tecdet.html>
- Charmaz, K. (2009). *Shifting the ground theory: the second generation*. New York: Left Coast Press.
- Cooper, A., & Taylor, O., eds. (2014). *The New Global Journalism: Foreign Correspondence in Transition*. Tow Center for Digital Journalism. <https://doi.org/10.7916/D8FR082V>
- Creswell, J. W. (2012). *Educational research: Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research* (4th ed.). Upper Saddle River, NJ: Pearson
- Creswell, J. (2007). *Projeto de Pesquisa, Métodos Qualitativos, quantitativos e misto*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina
- Flick, U. (2012). *Introdução a Metodologia de Pesquisa*. Madrid: Ed. Monitor
- Franciscato, C. (2005). *Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo das Sociedades Ocidentais*. Aracajú: Editora UFS
- Hahn, O., Stalph, F., & Steller, T. (2018). Virtual Foreign Correspondence: Experimental Instructions in Digital Foreign News Reporting. *Journalism & Mass Communication Educator*, 73/1, 4-17. doi:10.1177/1077695817745249

- Hamilton, J. M., & Jenner, E. (2004). Redefining foreign correspondence. *Journalism*, 5/3, 301-321. doi: 10.1177/1464884904044938
- Hanners, U. (2004). *Foreign news: Exploring the world of foreign correspondents*. Chicago: Chicago University Press.
- Hellmueller, L. (2017). Gatekeeping beyond geographical borders: Developing an analytical model of transnational journalism cultures. *The International Communication Gazette*, 79/1, 3-25. doi: 10.1177/1748048516656304
- Hohlfeldt, A. (2001). *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes
- Laitinen, K., & Valo, M. (2018). Meanings of communication technology in virtual team meetings: Framing technology-related interaction. *International Journal of Human-Computer Studies*, 111, 12-22. doi.org/10.1016/j.ijhcs.2017.10.12
- Marcondes Filho, C. (2002). *Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos*. 2ªed. São Paulo: Hacker Editores
- McCombs, M. (2004). *Setting the Agenda: the mass media and public opinion*. Cambridge: Polity
- McCombs, M. (2005). A Look at Agenda-Setting: past, present and future. *Journalism Studies*, 6/4, 543-557. doi: 10.1080/14616700500250438
- McCombs, M. (2020). The language of journalism – The language of agenda setting effects *Mediapolis*, 20, 11-18. doi.org/10.14195/2183-6019_10
- McLuhan, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensão do homem* São Paulo: Cultrix
- McQuail, D. (2003). *Teoria da Comunicação de Massa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Moreira, F. (31 de março de 2020). O novo lugar do repórter na cobertura jornalística da covid-19. *Observatório de Imprensa*, 1081 <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus/o-novo-lugar-do-reporter-cobertura-jornalistica-do-covid-19>
- Natali, J. (2007). *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto
- Natividade, I. (6 de maio de 2020). Covid-19 and the media: the role of journalism in a global pandemic. *Berkeley News*. <https://news.berkeley.edu/2020/05/06/covid-19-and-the-media-the-role-of-journalism-in-a-global-pandemic/>
- Ogbodo, J. (2020). Communicating health crisis: a content analysis of global media framing of COVID-19. *Health Promotion Perspectives*, 10/3.257-269 doi: 10.34172/hpp.2020.40

- Reich, Z. (2018). The decline in orally negotiated news: Revisiting (again) the role of technology in reporting. *News media & society*, 20/11, 4116-4134
doi.org/10.1177/1461444818768064
- Retegui, L. (2017). La construcción de la noticia desde el lugar del emisor. Una revisión del newsmaking. *Revista Mexicana de Opinión Pública*, 23, 103-121
doi.org/10.22201/fcpys.24484911e.2017.23.56354
- Robert, E. & Gutsche Jr.(2019). The State and Future of Television News Studies: Theoretical Perspectives, Methodological Problems, and Practice. *Journalism Practice*, 13/9, 1034-1041, doi: 10.1080/17512786.2019.1644965
- Traquina, N. (2002). *O que é o jornalismo?* Lisboa: Quimera
- Zelizer, B. (2019) Why Journalism Is About More Than Digital Technology, *Digital Journalism*, 7/3, 343-350, doi: 10.1080/21670811.2019.1571932
- Weaver, D. (2007). Thoughts on Agenda Setting, Framing, and Priming. *Journal of Communication*, 57, 142-147
doi:10.1111/j.1460-2466.2006.00333.x

Apêndice 1. Guião de entrevistas

Todas as perguntas são referentes ao período entre março e agosto de 2020.

1. Como é realizado o processo inicial de produção noticiosa, no caso dos correspondentes internacionais? O repórter observa os acontecimentos do país e propõe determinada pauta, ou as ideias são sugeridas pelos jornalistas da redação? Os correspondentes internacionais utilizam ferramentas digitais nesse processo?

2. Como foram realizadas as reportagens, ao longo da primeira fase da pandemia de coronavírus (Sars-Cov-2)? As coberturas foram realizadas no local dos acontecimentos ou a partir de casa?

3. Em relação as fontes de informação, como foram realizadas as entrevistas, ao longo da primeira fase da pandemia? Houve o auxílio de ferramentas digitais? Quais?

4. No seu caso, como correspondente internacional, você trabalha em equipe (quantas pessoas fazem parte e suas funções)? Ao longo da primeira fase da pandemia, houve alguma mudança na forma, como você passou a trabalhar?

5. No que se refere a parte técnica, como você realizou as gravações, quais tipos de ferramentas, como: câmara, microfone, tripé e iluminação, foram utilizados ao longo da primeira fase da pandemia? Houve alguma adaptação para as transmissões, nesse período?

6. Ao longo da primeira fase da pandemia de Covid-19, você realizou transmissões de casa? Precisou do auxílio de outras pessoas, como amigos ou familiares?

7. Quais foram os desafios que você enfrentou, como correspondente internacional, ao longo da primeira fase da pandemia? O que mudou na rotina dos correspondentes?

8. Seria possível realizar todas as transmissões, que você realizou, durante a primeira fase da pandemia de coronavírus, sem o auxílio das ferramentas digitais? Explique.

9. Desde que você começou a trabalhar como repórter, quais foram as mudanças na rotina jornalística, impulsionadas pela utilização das diferentes tecnologias?

10. Com a sua experiência, como você avalia a presença das ferramentas digitais na rotina dos repórteres televisivos?

Transcrição - Entrevistas em Profundidade - Correspondentes Internacionais.

Apêndice 2.

Vinícius Assis, V.A. - Correspondente Internacional África - Repórter TV Globo / GloboNews

(entrevista realizada por videoconferência, via Zoom, em 6 de maio de 2021)

1. **V.A.** Tenho dezesseis anos de profissão. Atuo no continente africano, sou nômade. No meu dia a dia cubro o continente inteiro. Uso os jornais locais para identificar o que interessa e é importante para o Brasil. A mídia brasileira ainda é pautada pelas grandes agências. Faço algo personalizado baseado no que trouxe da grande mídia. Eu ofereço material aos meus clientes, mas às vezes são eles que me pedem ou sugerem temas. Trabalho para a Globo News. As ferramentas digitais fazem parte do meu trabalho. Sem elas, seria impossível informar com rapidez. A pandemia me isolou na África do Sul. Em 25 de março de 2020 o presidente decretou *lockdown*, fechou as fronteiras. Os jornalistas eram vistos como transmissores. De março a agosto fiquei em quarentena na África do Sul, trabalhei muito. O primeiro caso de contaminação pelo vírus da Covid-19 foi no Egito. As ferramentas digitais tiveram um papel preponderante. Formamos um grupo de correspondentes internacionais da África Austral para nos auxiliarmos. Trabalhamos de forma colaborativa entre os jornalistas. Tínhamos que checar boatos, que eram muitos. As ferramentas digitais, ao mesmo tempo que são aliadas foram motivo de dores de cabeça. Quando estive na Nigéria em 2019 cobrindo eleições na cidade do Lago contratei um cinegrafista que começou a chantagear e ameaçar a inutilizar as imagens feitas. Contornei a situação e hoje procuro trabalhar sozinho. Tenho dois celulares (*Iphone*), microfone de lapela e direcional, além de um tripé. Todo o equipamento cabe numa mochila. Em alguns países como a Etiópia e a Nigéria, a Internet é controlada pelo governo.

2. **V.A.** Ao longo da fase inicial da pandemia, as entrevistas foram realizadas obrigatoriamente de casa e pela Internet.

Quando aconteceu um ciclone em Moçambique, por exemplo, eu não tinha conexão estável. Mandava *flash* (boletim informativo produzido pelo repórter) e reportagem, uma vez por dia, não conseguia fazer ao vivo. Mandava pelo *WhatsApp*. Com o ciclone a cidade ficou sem Internet, para dormir aluguei um colchão e dormia no chão. Em Joanesburgo equipes

inteiras foram assaltadas na rua. Trabalho a partir de casa e sem equipe. A Globo exigiu que todos os repórteres estivessem de máscara para as transmissões. No início foi difícil.

Hoje faço vídeos de casa e algumas reportagens. No Soweto fiz entrevista com um menino que morava lá e cuja família dividia uma torneira externa com 14 famílias. Portanto, nota-se que as exigências mínimas de higiene não podiam ser respeitadas no período da pandemia.

3. V.A. No início da pandemia fiz muitas entrevistas pelo *Zoom* e *Skype*. Algumas pessoas de outro país não conseguiam falar pelo *Zoom*, então optavam pelo *Skype*, mas sempre utilizando a tecnologia. Quando fazia matérias para a rádio, usava o *WhatsApp*. A maioria das entrevistas foram feitas pelas agências AFP (*Agence France Presse*) ou Reuters. Elas usam ferramentas digitais. O Brasil tem uma ótima escola de televisão (no sentido que as emissoras de televisão do Brasil são um ótimas para aprender). A Internet faz parte do meu dia a dia. O governo sul africano facilitou o trabalho dos jornalistas, com entrevistas virtuais e coletivas de imprensa através de *Zoom*.

4. V.A. No início e ao longo da pandemia houve uma série de mudanças na forma de trabalho. Passou a ser mais solitário, em casa e com o auxílio de *Zoom* e do *Skype*. Equipamentos tecnológicos com a conexão de Internet 4g e fibra se tornaram mais importantes ainda. Em Joanesburgo não é seguro trabalhar à noite na rua. Escureceu tem que estar em casa. Ferramentas digitais, o *Zoom* e a Internet facilitaram e deram dinamismo ao trabalho.

5. V.A. As maiores adaptações foram as entrevistas todas *on-line*, por *Skype* ou *Zoom* e o fato de trabalhar sozinho, sem auxílio de um cinegrafista. Trabalhar de casa com as ferramentas digitais disponíveis. Trabalhar de casa e com as ferramentas digitais disponíveis foi um grande desafio e talvez a mais significativa mudança de trabalhar na pandemia.

6. V.A. O trabalho foi feito muito de casa, com acesso ao conteúdo através das agências de notícia. O material era compartilhado para que todos tivessem acesso. Houve maior solidariedade entre os jornalistas, compartilhando informações com os outros. Continuei a trabalhar sozinho e constatei que precisava adquirir uma ferramenta com áudio melhor, microfone de mão melhor, pois constatei que o meu equipamento não isola muito bem o som, em ambiente externo.

7. V.A. Os maiores desafios foram, primeiro criar um cenário legal em meu quarto para as tomadas. Em segundo lugar foi incluir o continente africano no cenário caótico criado pela pandemia. Colocar a África como parte do todo, ressaltando sua importância para o mundo. Em terceiro, fui desafiado a manter equilíbrio psicológico e emocional, pois fiquei isolado de amigos, colegas de trabalho e familiares por um longo tempo.

8. V.A. Seria impossível fazer o trabalho dos jornalistas sem o auxílio da Internet, sem equipamentos para produzir e reproduzir as imagens. Aqui na África do Sul às vezes a Internet fica lenta, mas nunca foi cortada. Em outra ocasião, antes da pandemia aconteceu na Nigéria de ser cortada a conexão em época eleitoral. Por lá é o governo que controla a Internet.

9. V.A. A maior mudança foi o fato de trabalhar sozinho, sem equipe. Eu mesmo produzo, escrevo, às vezes faço as imagens e edito. Mas ficamos muito dependentes da Internet. Diminuíram os deslocamentos, mas aumentaram as preocupações e as responsabilidades.

10. V.A. O uso das ferramentas digitais são fundamentais para o trabalho televisivo. *Chip*, celular e pacote de dados são as primeiras coisas a serem adquiridas em qualquer lugar que eu vá. A noção de tempo mudou muito e o nosso tempo é diferente do tempo do resto do mundo. Por outro lado, a pandemia fortaleceu todas as mídias, mas principalmente fortaleceu nossa importância. As pessoas demandam por imediatismo, mas exigem profundidade.

Apêndice 3.

Felipe Kieling - Correspondente na Inglaterra - TV Band - Brasil

(entrevista realizada por videoconferência, via Zoom, 2 de junho de 2021)

1. F.K. Tenho 15 anos de experiência em jornalismo e atuo como correspondente da Band na Inglaterra. Estávamos acompanhando a Pandemia que se iniciava na China e estava crescendo. Construíram por lá hospitais de campanha muito rapidamente. Então eu já imaginava que isso fosse chegar na Europa. Foi uma questão de tempo mesmo para os primeiros casos aparecerem na Europa. A gente usava muito o celular, *WattsApp* para me comunicar e sugerir pauta. Sempre surgia uma conversa, reunião de pauta com os editores de internacional (editoria internacional). Faço contato direto com os chefes, principalmente na Band. As

ferramentas digitais são fundamentais, elas encurtam distâncias e fica muito mais fácil de trabalhar, para saber como o público está vendo os fatos a partir do Brasil.

Na Europa o primeiro país a ser afetado foi a Itália. Chegaram a cogitar de eu ir para lá. Eu falei que poderia ir, mas que, provavelmente na volta teria que cumprir uma quarentena. Não sair de casa, no meu caso, estava fora de cogitação, então resolveram contratar um *freelancer* que fez um excelente trabalho. Eu levantei a bola de que era questão de tempo para a pandemia chegar aqui no Reino Unido. Foi o que aconteceu e eu fiz muita matéria na rua mostrando o que estava acontecendo, pessoas estocando papel higiênico. Nunca entendi essa relação de estocar mantimentos com a pandemia, varrendo prateleiras de mercado.

Muita gente na rua sem entender o que estava acontecendo. Eu fazia parte dessa galera. Era algo muito novo para todo mundo, portanto era muito importante estar na rua fazendo matéria. Mas a partir de um momento ficou muito repetitivo, o Reino Unido em *lockdown*, ruas vazias, comecei a fazer entradas de casa, para preservar a minha saúde.

Questão intercalar pela pesquisadora: Nas transmissões a partir da tua casa, tiveste que fazer alguma adaptação?

F.K. Tive que mudar, coloquei uma foto grande de Londres como fundo. Na antiga casa eu tinha uma sala bacana. Faço hoje bastante matéria na rua, na primeira onda da Covid-19, de março a agosto eu adaptei a sala de casa comprei uma lapela, que é o microfone que eu coloco no computador ou no celular. Luz eu já tinha. A maior adaptação foi conciliar com minha esposa, que também trabalha de casa, numa casa de quarto e sala foi um desafio. Com a Band trabalhava com *Skype* (para fazer as entradas ao vivo), tendo um bom retorno do vídeo, que estava sendo produzido.

Questão intercalar pela pesquisadora: Qual a importância das ferramentas digitais?

Fundamental a importância das ferramentas digitais, sem elas seria impossível fazer as matérias. Antes você gravava o boletim e enviava. Sem o *Skype* seria impossível fazer ao vivo, mas tem um aparelho que chamam *Muchilink* (equipamento utilizado para fazer a conexão, para as entradas ao vivo) que faz totalmente o trabalho de um equipamento muito caro, com a facilidade de você poder usar o seu computador, celular, seu *Ipad* e não precisar carregar mais nada. É sensacional quando se tem uma boa Internet. Na Inglaterra a Internet é muito boa.

2. F.K. Como foram realizadas as entrevistas ao longo dessa primeira fase, houve o auxílio de ferramentas digitais e quais?

Eu fazia muitas entrevistas usando a Internet, porque acabou sendo algo totalmente aceitável e muitas vezes eu fazia por *Zoom*, dava para fazer ou nas entrevistas eu mandava as perguntas e pedia para o entrevistado gravar um vídeo com o celular mesmo, porque o conteúdo é mais importante do que a forma. É claro que a forma é importante, mas na pandemia era totalmente aceitável esse tipo de trabalho.

Questão intercalar pela pesquisadora: Você acredita que o paradigma começou a mudar ao longo da pandemia, levando em conta que não foi a primeira vez que apareceu uma entrevista por *Zoom*, mas pode ter representado um começo para que isso fosse mais aceito, você acredita que faz sentido?

F.K. Faz sentido sim, começou a se mais aceito por falta de opção. Você não pode encontrar com a outra pessoa, então era isso ou não tínhamos entrevistas. Muitos veículos acabaram cedendo, a BBC (emissora de televisão da Inglaterra) até hoje realiza entrevista por *Zoom*, *Skype*, com fundo feio, levando em conta que nem todo mundo tem noção de enquadramento, não são jornalistas ou cinegrafistas, portanto não conseguem o efeito de uma luz ideal. Mas acredito que para o telespectador o que vale é o conteúdo.

3. F.K. Eu usei muito o bom senso. No começo os números da pandemia eram baixos. Não entendia muito e fiz algumas entrevistas em que colocava um tripé, dava um microfone para a pessoa e me distanciava para fazer a pergunta. Quando os números ficaram mais altos as precauções aumentaram. Entrevistei um motorista de ônibus com distância, na rua ao ar livre. Depois desse período a maioria das entrevistas foi de casa mesmo.

4. F.K. Eu trabalho sozinho, faço tudo sozinho. Eu já trabalhava em casa, para ser sincero não foi uma mudança drástica, a não ser as barreiras de evitar contato físico com outras pessoas. Não poder ir a um estádio de futebol, abordar pessoas na rua para fazer uma entrevista pessoal. Para mim não teve essa mudança em relação à equipe.

5. F.K. Usava o *Zoom* ou o *Skype*, eu gravo e muitas vezes coloco uma câmera de apoio para me gravar em frente ao computador.

Questão intercalar pela pesquisadora: Você se refere a uma espécie de segundo plano?

F.K. Isso, exatamente. Tanto para reportagens gravadas como para entrevistas ao vivo. Só para as gravadas.

6. F.K. Minha esposa desde antes da pandemia já me ajudava, porque aqui nunca tive equipe. Quando ela pode e tem uma pauta legal, me ajuda. Na pandemia não foi diferente.

7. F.K. Quais foram os desafios que você enfrentou como correspondente internacional ao longo dessa primeira fase, o que mudou na sua rotina dos correspondentes que você convive?

O mais difícil para mim foi tentar entender o que estava acontecendo e passar de uma forma clara e simples. Foi um volume muito grande de informações e coisas totalmente novas. Quando hoje falamos em *lockdown* todos sabemos o que significa, mas no começo pensávamos, como assim, quarentena em casa para todos? Quarentena são quarenta dias, dez dias, duas semanas, de onde vêm esses critérios? Fazer uma vacina, não leva cinco anos para ficar pronta? Ela precisa de três fases para ser aprovada. Tem problemas, os estudos foram suspensos na vacina da Oxford. Todo mundo em pânico no Brasil. Essa absorção de notícias todas novas e difíceis para todo o mundo deveriam ser passadas de forma simples para as pessoas.

8. F.K. Não teria como fazer as transmissões sem o auxílio das ferramentas digitais. Elas são fundamentais, não saberia como fazer sem o *Skype*. Só com uma câmera, no meu caso seria impossível.

9. F.K. Houve uma mudança na agilidade e no volume de trabalho. A tecnologia facilita muito a rotina dos correspondentes internacionais. Atualmente com um celular é possível realizar uma reportagem, com entrevistas, imagens de apoio e até editar, além de ter a possibilidade de entrar ao vivo com um aplicativo como o *Skype*. Portanto o repórter acaba produzindo um volume muito maior de conteúdo, mas também pedem que o jornalista trabalhe muito mais, antigamente isso era mais difícil. Para fazer uma entrada em vivo era necessário um caminhão de *link*.

Hoje em dia, com o celular eu gravo passagem sonora, eu tenho um *I-Rick*, não sei se você conhece, coloco no celular. No meu caso que vim para cá em 2012, para trabalhar em Londres sozinho, no esquema de vídeo repórter. Com o avanço da Internet, desses aplicativos o que mudou na minha rotina é o volume de entradas ao vivo. Eu entro ao vivo o dia inteiro praticamente, porque é super fácil e também mais barato para a TV. Antes eu saía para entrevistar alguém tinha que voltar, editar a matéria e enviar para o Brasil para editarem, perdia

muito tempo. Agora numa manhã faço quatro ou 5 entradas ao vivo. Ficou mais ágil, mais rápido. Eu entrei ao vivo várias vezes com o celular da França desde a Bélgica em questão de minutos.

Para cobrir atentado terrorista lá em Paris ligaram para mim ao vivo e foi fácil fazer a matéria com o celular. Quando comecei na Band lembro que quando tinha ao vivo tinha que deslocar um caminhão, subir uma antena, fazer conexão por telefone, as câmeras eram enormes. Hoje em dia com um celular que tem uma qualidade excelente você consegue entrar ao vivo de qualquer lugar do mundo para o Brasil. É o seguinte, eu acho que houve uma mudança na agilidade, no volume de trabalho porque a tecnologia facilita demais a vida do jornalista. Hoje com o auxílio do celular é possível realizar uma reportagem não só com entrevistas, mas com imagens. Você pode editar até no seu celular, como fazer entradas ao vivo por um aplicativo como o *Skype*. Você acaba produzindo um volume maior de conteúdo, o que é bom, mas também exige que você trabalhe muito mais, já que tudo é tão mais acessível. Consegue fazer duas, três matérias por dia, quatro, seis entradas ao vivo. Antigamente seria impossível.

10. F.K. As ferramentas digitais são parte rotina dos jornalistas, não só do Brasil, mas podemos ver isso em emissoras como a BBC (emissora de televisão da Inglaterra), por exemplo, onde as equipes usam as ferramentas digitais, como celular, hoje é possível fazer jornalismo na televisão sem a necessidade de uma grande câmera e às vezes sem a necessidade de um cinegrafista. É importante destacar que a qualidade vai ser sempre melhor com um cinegrafista, com uma câmera profissional. Mas é possível fazer sozinho com o celular e tem muitos jornalistas que fazem. Então por exemplo, para se fazer uma reportagem especial é necessária uma equipe, uma câmera, mas quando acontece um atentado terrorista, por exemplo que é necessário enviar um repórter, ou quando se precisa da agilidade, um celular resolve. Então as ferramentas digitais vieram para somar e não para substituir, porque em alguns casos ainda é necessário uma câmera e um cinegrafista para ter uma qualidade melhor.

Apêndice 4.

Daniela Santiago - Correspondente em Madrid - RTP - Portugal

(entrevista realizada por videoconferência, via Zoom, em 23 de junho de 2021)

1. D.S. Tal como aconteceu durante estes seis anos em que estou aqui na Espanha, também na Pandemia sou eu que sugiro as pautas. Eu é que estou a viver a realidade aqui, eu é que vejo o que está a acontecer e estive em um país muito particular em termos de Pandemia. Espanha foi dos países mais afetados nesse período, portanto, foi o país europeu que teve um confinamento mais rigoroso. Foi dos países que registou mais mortes, chegou registrar mais mortes que a Itália, depois daquele início. E portanto, estive em um país muito particular em relação a Pandemia. Eu também tinha uma filha na escola, que ficou sem escola, na altura eu tinha minha mãe, o que preocupou-me também, porque eu saía em reportagem todos os dias e tinha receio, já que podia trazer o vírus para casa. Mas em termos de rotina eu articulava-me com Lisboa, com a sede, mas eu que é que propunha as pautas todos os dias.

2. D.S. Eu seguia tudo, seguia a televisão, seguia as agências, seguia as minhas próprias fontes, não é? Fontes que eu conheço, médicos em hospitais e em outros sítios e fazia o meu trabalho de rua também, reportagem de rua. Mas em termos de ferramentas digitais e com a utilização da Internet, eu tentava assistir todos os jornais e normalmente já utilizo a tecnologia nesse processo. Consultava as agências noticiosas, como a Reuters, seguia principalmente a televisão espanhola RTVE e fazia a minha própria reportagem no exterior para contactar com as minhas próprias Fontes.

3. D.S. Foram realizadas das duas formas, eu todos os dias saía em reportagem, mas também utilizada o trabalho que é fornecido pelas agências de notícias. Até porque havia um controlo muito grande em termos de entradas em determinados locais e só era permitido entrar, por exemplo uma agência internacional, que posteriormente fornecia as informações aos outros meios de comunicação.

Questão intercalar pela pesquisadora: Como foram realizadas as transmissões a partir de casa?

D.S. Sempre a utilizar o computador. Pela primeira vez, com mais frequência a fazer diretos a partir de casa, do telemóvel. Nós temos uma ferramenta que permite fazer diretos com

a qualidade das mochilas que usamos, a *Live-U*, o *Smarth-U* (equipamento profissional de transmissão de notícia em direto). Muitas vezes fazíamos diretos através o telemóvel, fazia diretos. Porque como começou a ser muito aceite que isso acontecesse, enquanto que antes, fazer um direto do telemóvel, de dentro de casa era muito mais raro. Poderiam até dizer: esta jornalista não mexe o rabo. Na Pandemia não, já se pensava ela está ali (em casa a transmitir) porque de facto não pode estar na rua. Porque nós aqui em Espanha tínhamos que ter um documento, uma autorização para poder circular, mesmo os jornalistas. E como eu tinha que entrar muitas vezes em directo, muitas vezes entrava a partir de casa.

Questão intercalar pela pesquisadora: Tornou-se mais comum as transmissões a partir de casa, naquele período inicial da Pandemia? Isso se observou em todas as emissoras, em escala global?

D.S. Muito mais. Sim se observou em todas as televisões. Tanto em relação as entrevistas que fazíamos (até então era raríssimo usar o *Skype*) como nos directos.

Parece que era quase mal visto entrevistar alguém pelo *Skype*, era no caso de grandes coberturas, de grandes factos, no caso de a pessoa estar muito longe, de ser totalmente impossível mandar uma equipa e havia sempre alguns pudores, não é? Agora não. Agora inclusive algumas pessoas que já podem ir ao estúdio, mas preferem fazer a entrevista a partir de casa, porque percebeu-se que a mensagem é passada da mesma forma. Aqui o que está em questão é que, o que importa é a mensagem não é tanto a imagem, o cenário que está atrás, nada disso, é mesmo a mensagem. Portanto tanto passou a ser aceite entrevistar os nossos entrevistados desta maneira, como nos próprios fazermos os nossos diretos.

A pergunta três foi respondida pela repórter anteriormente, portanto seguimos para a pergunta de número quatro.

4. D.S. A equipe que trabalhamos é composta por duas pessoas, eu e um repórter de imagens que também edita. Nesse período de Pandemia mudou muito sim. Antes da Pandemia normalmente nos saíamos em reportagem e editávamos juntos, não temos aqui um espaço físico, não temos um escritório, portanto antes da Pandemia editávamos em um café, na rua ou onde calhava. Mas com a Pandemia, nós saímos em reportagem, mas no fim do processo eu vinha para a minha casa e cinegrafista/repórter de imagem seguia para a casa dele e montávamos à distância, utilizando o computador e o telefone. Portanto, vejo as imagens, escreve o texto, gravo o meu *off* (com auxílio da tecnologia), envio para ele e fazemos a edição

à distância, para evitar que ele entre na minha casa ou eu entre na casa dele. E ao mesmo tempo como os sítios estavam todos fechados. Esta foi a forma encontrada para tentar manter a saúde da família e ao mesmo continuar a fazer o trabalho.

5. D.S. Sim houve adaptações. A primeira delas, foi um tripé improvisado, como eu tenho agora nesse momento. Comprei um tripé que se compra no chinês, uma lâmpada de iluminação, o fundo da minha sala e um microfone. Utilizava o telemóvel e uma aplicação específica para fazer diretos, chamado *Smart-U*.

6. D.S. Não.

7. D.S. É assim, eu acho que nós tivemos que nos adaptar como qualquer um, foi uma mudança, foi um desafio. Eu costumo dizer que quando vamos à guerra não levamos a família, chegamos ao hotel, mas aqui era diferente. Nós não levamos a guerra conosco, mas aqui eu trazia a guerra para a casa. Portanto, senti que esta pandemia me afetou mais em termos de relação com a família, porque estamos de frente a um inimigo invisível que não sabemos se podemos trazer para dentro de casa. E ao contrário das outras pessoas, no caso de um correspondente que está sozinho em outro país, não tenho ninguém que me substitua, eu não tenho ninguém que possa fazer o meu trabalho. E não posso dizer hoje não vou à rua, ou não quero ir ou tenho receio e também não tenho um sítio para ir dormir depois e assim evitar de vir para casa com a roupa em que estive em um hospital, por exemplo.

Em termos de rotina mudou muito, mas acho que somos seres que nos adaptamos. Acho que passei a utilizar ainda mais as ferramentas digitais, como a Internet. Julgo que passei a fazer um trabalho mais individualista, apesar de achar que um trabalho de televisão é sempre um trabalho de equipa. Pela primeira vez senti o trabalho de televisão mais solitário. Mas ao mesmo tempo mais independente. Portanto nos adaptamos as mudanças.

8. D.S. Não, era impossível fazer todas as transmissões que fizemos no período inicial da Pandemia, sem utilizar as ferramentas tecnológicas. Para fazer as reportagens, fazer a edição, transmitir as informações para entrar em direto, era totalmente impossível sem o auxílio da tecnologia.

Esta Pandemia há uns quinze anos, seria totalmente diferente, porque não teríamos a capacidade de entrar em direto, até poderíamos entrar ao telefone, mas com imagens, com a

qualidade que temos agora, com toda a troca de informação, com a rapidez com que a informação circula, teria sido impossível.

9. D.S. É incrível, é impossível, às vezes é até difícil explicar. Eu ainda venho do tempo dos cassetes, dos caminhões, das carrinhas de transmissão, dos satélites. Eu lembro-me quando fui cobrir um tsunami no Sirilanka em 2004, nós usávamos um vídeo fone para fazer direto. Para a utilizar o vídeo fone era necessário apanhar o satélite, não podíamos nos mexer ao falar, porque se não, a imagem ficava toda arrastada. Na época tínhamos que mandar as peças ou com uma Internet muito má, que estava sempre a cair ou tínhamos que ir as televisões dos países locais para enviar as reportagens? Hoje em dia com o telemóvel fazemos tudo, é inacreditável, o avanço tecnológico avançou de uma forma extraordinária, que ao mesmo facilita tanto o trabalho, que já há áreas em que há monojornalistas que fazem tudo, e que eu acho que também é mau. Mas aí já está a tecnologia a facilitar mais o lucro das grandes empresas, para poupar nos postos de trabalho, do que outra coisa, não é? Mas a tecnologia é uma ferramenta neste momento essencial para o jornalista.

10. D.S. Eu acho que a tecnologia é indispensável. E que o jornalista, com os anos de carreira, que eu tenho, por exemplo, que não se tenha adaptado, não consegue fazer jornalismo hoje em dia. Eu acho que é impossível, portanto, nós para continuarmos a fazer jornalismo a velocidade que hoje em dia é exigido, obtendo todas as informações das mais diferentes formas contrastantes, porque há muita contra informação também, e portanto, a necessidade constante que nós temos de estar sempre informados e sempre a informar, se não dominarmos bem as ferramentas que a tecnologia e os avanços tecnológicos nos deram, eu acho que não podemos cumprir bem o nosso trabalho quando falamos em trabalho televisivo e mesmo de imprensa e rádio. Mas então, no caso da televisão, a mudança foi ainda mais voraz.

Questão intercalar pela pesquisadora: O jornalismo pós pandemia vai levar muito desse legado da tecnologia?

D.S. Sim, eu acho que há muita coisa que já não poderá manter-se, um exemplo são as entrevistas sem ser em estúdio. No fundo acho que quebrou-se aqui um pouco o aspecto burocrático da coisa, não é? Tornou-se mais maleável, mais prático, não é? As pessoas ficaram em casa também mais de sapatilhas e ténis e roupa desportiva, não é? E acho que o jornalismo também ficou mais de andar por casa.

Apêndice 5.

Carolina Cimenti - Correspondente em Nova Iorque, EUA - TV Globo - Brasil

(entrevista realizada por videoconferência, via Zoom, em 11 de maio de 2021)

1. **C.C.** Eu acho que as duas respostas são válidas. Têm muito da proposição do que se vê ou vive. Levando em conta o contexto dos dois países, o que para um não é mais novidade, para o outro é notícia de interesse. Os jornais, TV, rádios e podcast locais são importantes. As ferramentas digitais têm 100% de importância, tudo é feito de forma eletrônica, não lembro da última vez em que li jornal em papel. Somente os jornais de bairro, todo o resto é televisão, Internet, jornal e tablet.

2. **C.C.** Acho que em março de 2020, a Redação de Nova Iorque foi a primeira da Globo a ficar inteiramente *home office*. Serviu de modelo para outros trabalhos na TV. O repórter, o editor e o editor de imagens trabalhar de casa foi um desafio muito grande. De março a maio de 2020 funcionou bem, aí começaram as manifestações. Repórteres e cinegrafistas começaram a trabalhar nos locais dos acontecimentos. Tivemos que enfrentar o medo e sair com toda as proteções possíveis. Foram semanas com coberturas de manifestações coletivas, seguida da campanha eleitoral, abrindo possibilidades de cobrir debates, fazer algumas viagens para mostrar o impacto dessas campanhas.

3. **C.C.** Teve Zoom, Skype, Face time, conversa por telefone, respostas por vídeo. Tudo o que era possível a gente fazia. Acho que no primeiro e segundo meses as entrevistas foram 100% *on-line*. Nos primeiros dois meses de crise pandêmica todas as entrevistas foram realizadas *on-line*, tentei entrevistar uma pessoa presencialmente, mas fui proibida, portanto todas foram à distância.

4. **C.C.** Normalmente a equipe é composta de um produtor, um repórter e um cinegrafista, depois envolve um editor de imagem e um editor de texto. De repente todos os contatos são digitais. Por exemplo hoje estou na escala da Globo para o Jornal Nacional, logo cedo o produtor fez um grupo de *Watsapp* que vai tratar o jornal com o repórter, cinegrafista, editor de texto, editor de imagens. Ficamos envolvidos como se estivéssemos sentados um na frente do outro, na redação. Além disso criou-se um sistema de links que todos têm acesso compartilhado, onde se põe a pauta e vai ser trabalhado o texto. O meu marido por três meses

se transformou em meu cinegrafista, começamos a usar uma câmera que ele tinha para fazer entradas ao vivo. Acabou se lançando cinegrafista neste período.

5. C.C. Sim, a Redação fez um mini *kit-correspondente* para todos os repórteres levarem para casa, um tripé ligado ao telefone, uma caixinha para poder conectar, um cabo e um fone. Depois, numa segunda fase mandaram uma luz e, percebendo que quase todos tinham ou compraram câmeras, começaram a distribuir um equipamento chamado *Live-U* para as entradas ao vivo.

6. C.C. Quando percebemos que ficaríamos em casa por muito tempo, fomos nos organizando. Tenho luzes, *Live-U*, computador e telefone. Não tenho um estúdio em casa por não ter espaço. Se o programa é mais longo, faço de fora para não atrapalhar a rotina da casa. Se a entrada é curta e minha filha está na escolinha, faço daqui mesmo ou vou ao encontro do cinegrafista e faço da rua. Quando quero algo diferente vou lá no terraço comum do prédio e improviso. Uso também o balcão da cozinha com dois quadros atrás.

7. C.C. Tudo mudou, para começar nas primeiras semanas eu trabalhava quase vinte e quatro horas por dia, uma vez que eu não tinha que sair para trabalhar. Os correspondentes internacionais em Nova Iorque estavam em meio a um *breakingnews* constante.

A rotina mudou muito, minha filha que estava com um ano e meio não pôde mais ir à escolinha e abri mão de ter uma babá, por medo do contágio. Todas as tarefas de casa ficaram por nossa conta. Josué, meu marido, músico por profissão, também ficou confinado e dividíamos as tarefas de casa. Nova Iorque era o pior lugar do mundo em termos de contágio, foi muito assustador. Era importante entrar no ar para dar notícias desse lugar imprevisível naquele momento, mas tinha que, ao mesmo tempo, proteger minha família e cuidar da casa. Nas primeiras semanas eu trabalhava 24 horas apesar de não sair de casa, sem cessar. Até que aprendi a limitar o tempo, estabelecer uma escala, um horário. Sem o auxílio das ferramentas digitais e tecnológicas seria impossível trabalhar fora do país. Nossa ligação com o mundo ou com o Brasil em particular sempre foi via satélite ou fibra. Com a pandemia o uso do celular, do computador e câmera *Live-u* fazem o mesmo papel.

8. C.C. Televisão é feita com ferramenta digital. Para o jornalista que está fora do país normalmente as transmissões são feitas via satélite ou fibra. Mas no momento que saímos do ambiente do estúdio, da redação e vem para casa, não há fibra, então se usa o celular, o

computador a câmera, o *Live-U*, ou não consegue entrar ao vivo. Até mesmo o telefone, hoje em dia é digital, é utilizado pelas redes sociais.

9. C.C. Antigamente as equipes tinham no mínimo três pessoas, o cinegrafista, o motorista e o repórter. Mas isso deixou de existir, isso já é considerado um luxo na TV Globo, agora são duas pessoas ou uma pessoa apenas. Quando eu cheguei na TV Globo em março de 2013, era necessário um caminhão de link para entrar a vivo, aquele elefante branco, né? Que realmente dava segurança. A TV Globo tinha cerca de dez caminhões de *link* para serem usados nas entradas ao vivo.

Mas quando eu trabalhei em Londres em 2003, eu trabalhava para um canal de televisão e quando tinha qualquer tipo de entrada ao vivo, tínhamos que acionar uma empresa para fazer o processo via satélite. O processo envolvia ter que ligar para o motorista do caminhão de link, que era um holandês, ele seguia dirigindo até o país de onde seria a transmissão, para chegar em países como a Itália, ele chegava a dirigir até três dias. Ou seja, não havia nada de imediatismo, muito diferente de como são realizadas as entradas ao vivo nos dias de hoje.

Voltei a ser correspondente internacional, quando fiz uma cobertura sobre o atentado em Paris em 2015, fiz a uma cobertura internacional praticamente sozinha, pelo celular, pela circunstância dos acontecimentos. Estava de férias e estava no lugar onde aconteceu o atentado terrorista, comecei a gravar e entrar no ar ao vivo com o meu celular. Foi meio instintivo fazer daquele jeito, na verdade era o jeito que dava para fazer.

O atentado terrorista em Paris foi em novembro de 2015, na época a TV Globo até contratou um cinegrafista, mas o tempo para que a reportagem fosse editada e enviada para o Brasil, era muito longo e a reportagem não chegava a tempo de ser veiculada. A gente gravava, o cinegrafista tinha que ir para casa para editar e subir as imagens por *Wetransfer*, mas quando as imagens chegavam no Rio de Janeiro, o jornal já tinha acabado. Foi então que passei a fazer as transmissões do celular, tanto as reportagens, quanto as transmissões ao vivo.

O atentado aconteceu numa sexta à noite e a matéria que abriu o Jornal Nacional no sábado foi a minha reportagem, toda feita com o celular, quer dizer devia ter alguma coisa de imagem de agência, mas muitas imagens de celular, inclusive uma entrevista com uma família que estava lá no estádio.

Questão intercalar pela pesquisadora: Voltando para a realidade ao longo da pandemia de Covid-19, as transmissões já foram realizadas usando o telefone (celular)?

C.C. Sim, dependendo de onde a gente estava e dependendo se a Internet era boa. A partir do meu telefone já é possível fazer um vídeo, eu posso fazer um vídeo em 4K, a melhor definição e qualidade de imagem que existe.

Ao longo dos anos se observa, que as produções jornalísticas em televisão ficaram muito mais baratas, o processo ficou muito mais simplificado, mas não sei afirmar se ficou melhor, em alguns aspectos pode ser que esteja se perdendo um pouco a qualidade.

10. C.C. A utilização das ferramentas digitais é vital. Não existe mais ser jornalista sem uma comunicação interna da equipe por *Whatsapp*, sem usar o telefone para apurar as informações, sem usar o telefone para manter um relacionamento com a fonte, muitas vezes para entrevistar a fonte, ou pelo menos pré-entrevistar a fonte. Até para que a equipe possa se localizar, para chegar no local certo da reportagem. Durante muitos anos que fiz coberturas, viagens com um celular e um *Ipad* com teclado, para fazer as reportagens. Então, acho que isso já demonstra a importância desses aparelhos. O celular é o aparelho que usamos para chegar ao lugar certo, para falar com o editor, para falar com a fonte, para apurar e para gravar e muitas vezes, entrar ao vivo. No mínimo o áudio do telefone é o que eu uso, mesmo que eu esteja com câmera e *Live-U*, o meu retorno (retorno da programação televisiva, onde se escuta o apresentador em estúdio falar), vai ser pelo telefone, noventa por cento das vezes, porque não estou perto o suficiente do *Live-U*. Então 90 por cento das vezes o meu retorno está no meu bolso, que é o meu telefone.

Tenho colegas que nem se aposentaram ainda que usavam filme, gravavam, mandavam aquilo para o Brasil, entrava no ar mais de vinte e quatro horas depois, ou talvez meio-dia depois, isso é um estilo de se fazer cinema hoje em dia, já não existe mais isso como jornalismo.

Questão intercalar pela pesquisadora: A noção de tempo mudou em jornalismo?

C.C. Completamente. Essa matéria que eu estou falando, é a revolução dos cravos da jornalista Sandra Passarinho, ela gravava com filme ou *Matic*. A repórter vivia o momento, depois ela se sentava para escolher as imagens, escrever e enviar, suponho que naquela época a edição de texto ficava muito mais limitada, quando chegava o material no Brasil já tinha que ir para o ar. O processo era demorado e às vezes a reportagem entrava no ar no dia seguinte ao

acontecimento, para contar o que aconteceu em Portugal, no dia anterior, isso era considerado uma reportagem “quente” (atual).

Hoje, se por exemplo, aqui no *Brooklyn* um grupo de estudantes decidir incendiar uma viatura da polícia, porque um policial em Minneapolis matou um homem negro, isso tem que entrar no ar ao vivo, se não estiver lá no local para entrar ao vivo no local do acontecimento imediatamente, a equipe corre o risco de perder o emprego. Isso reflete na necessidade nos dias de hoje, de ter comentários sobre os assuntos, atualmente o jornalismo já não é a notícia em si, mas a análise sobre o assunto. Os meios de comunicação tradicionais sobrevivem com as análises sobre as notícias e isso não era assim antigamente. Isso, na minha opinião, é o resultado deste mundo imediatista. Não temos tempo para elaborar as nossas opiniões, temos que receber as notícias digeridas e com as opiniões formadas.

Eu acho que teve um momento muito importante para os jornalistas, para o jornalismo.

Porque quando a gente está falando de política, ou de esporte, ou de fofoca, ou de terrorismo as pessoas não se importam muito se as informações são verdadeiras ou não, mas quando estamos falando de vida e de morte, de saúde em linhas gerais, as pessoas tendem a dar mais importância sobre o que é verdadeiro ou não. Por isso acredito que durante a Pandemia jornalismo voltou a ter a importância, uma importância mais clara. Quando o bicho pega mesmo, as pessoas lembram que o jornalista tem uma importância social forte.

Apêndice 6.

Pedro Sá Guerra - Correspondente Internacional no Brasil - RTP - Portugal

(entrevista realizada por videoconferência, via Zoom, em 28 de abril de 2021)

1. P.G. O processo pode ser das duas formas, pode funcionar das duas maneiras, mas normalmente o que acontece é que semanalmente, é enviado para Portugal um planeamento daquilo que eu prevejo, daquilo que eu pretendo fazer durante essa semana, ou seja, eu estudo, falo, analiso e envio esse planeamento. Muitas vezes esse planeamento não é cumprido ou porque falha um convidado ou por algum problema. Obviamente que durante a Pandemia tudo isso mudou, hoje com a Pandemia é muito difícil ou quase impossível fazer um planeamento

semanal de trabalho. Porque as notícias que surgem todos os dias sobre a evolução de casos, da situação aqui no Brasil obriga muitas vezes, que o planeamento seja posto de lado e assuntos mais importantes passem para primeiro plano. Se há sítio no mundo em que a notícias permanentemente é aqui no Brasil, os assuntos vão desde: sociedade, política, violência, tudo em geral. O serviço público como é o nosso (RTP) não está muito vocacionado, nem tem por obrigação, tratar a violência como trataram os demais canais, como tratam as outras emissoras, como tratam os jornais, ou seja, o serviço público tem um objetivo concreto, levar a notícia que interessa e a notícia que não seja de alguma forma sensacionalista. Ou seja, o planeamento é sempre alterado aqui no Brasil, nesse momento, desde que se agravou a pandemia, faço propostas na véspera ou no dia.

2. P.G. Fundamental, hoje em dia a tecnologia é fundamental, sem isso um correspondente internacional não consegue trabalhar, em qualquer país do mundo. Sem consultar as ferramentas digitais, nomeadamente o *Facebook*, muitos dos mais contactos aqui no Brasil é feito pelo *Facebook*. Contactos para entrevistas, naturais e informais feitos pelas redes sociais, seja pelo *Facebook*, seja *Instagram* e por aí a fora, isso é importantíssimo. Considero que mais de 60 por cento dos contactos que consegui aqui no Brasil com fontes importantes como cientistas, foram realizados via redes sociais. A era digital nesse aspeto é fantástica.

3. P.G. Grande parte das reportagens foram feitas no local. Porque nós não sabíamos exatamente o tipo de doença que era aqui no Brasil, embora eu, como jornalista já sabe, já sabia os perigos que corria, uma vez que a pandemia em Portugal na Europa chegou antes

No início se vendeu aquela ideia de que o Brasil é um país quente, não vai haver tantos problemas. Nos primeiros tempos fiz quase que tudo no local dos acontecimentos, desde a ida as favelas, aos hospitais e andar na rua, mas sempre protegido, porque a sensação que eu sentia que era vendida essa ideia de que no Brasil o vírus não chegaria com força. A partir e setembro, outubro (2020), passei a fazer trabalhos de casa, porque foi quando a situação começou a se agravar no Brasil.

Tínhamos uma missão. Vim para o Brasil como correspondente e tinha uma missão para cumprir, mas não pode cumpri-la a qualquer custo, obviamente. Eu dizia para os meus amigos é muito difícil caracterizar a realidade na pandemia deste país, não consigo dizer se os números anunciados pelo consorcio dos meios de comunicação social, ou o próprio governo revelam

sobre o número de mortos, nunca foram nem nunca serão reais. E é muito complicado uma pessoa trabalhar numa situação dessas. Quando os números aqui no Brasil começaram a passar dos mil, dois mil mortos por dia, é obvio que comecei a trabalhar de casa até porque eu não consegui encontrar ninguém, porque ninguém me recebia e ninguém falava comigo. Havia uma série de condicionantes.

Vejo que aqui nas televisões locais, durante este período da Pandemia e desta crise sanitária, 90 por cento das entrevistas foram todas feitas *on-line*. Há muita gente que vai ao terreno e faz bem. Percebi também a redução de trabalho das agências internacionais que estão aqui no Brasil, a *Associated Press* e a *Reuters*, o que é uma coisa muito complicada para nós correspondentes, porque nós vivemos muito destas agências. A RTP trabalha basicamente com a *Associated Press* e com a *Reuters*, há um contrato em que nós temos acesso a quase todos os conteúdos dessas agências. Essas agências publicam os trabalhos deles e nós podemos usá-los, usar imagens e áudios e não somos obrigados a indicar a agência utilizada.

Nesse momento essas agências trabalham muito pouco nesse momento aqui no Brasil, mas são muito importantes para o nosso trabalho, porque tem testemunhos que eu jamais conseguiria, eles estão presentes em todos os estados, em Manaus, na Amazônia, a sítios distantes que são muito importantes para um correspondente.

A RTP tem uma vantagem aqui no Brasil, têm um protocolo de cooperação com a TV Cultura, temos acesso ao arquivo da emissora e vice-versa.

4. P.G. Nesse período mencionado foram quase todas presenciais, mas a partir de setembro passaram todas a ser feitas pelo *Skype*. A partir da altura em que a situação passou a ficar descontrolada no Brasil, em termos de pandemia não houve outra hipótese, as entrevistas passaram a ser feitas pelo *Skype*.

Um correspondente para conseguir uma ter uma boa carteira de contactos, leva tempo, e não é ao fim de um ano ou um ano e meio que lhe permite pegar ao telemóvel para contactar as pessoas. Para conseguir novos contactos tenho duas possibilidades, ou pedir ajuda a um colega, ou procurar em redes sociais e enviar uma mensagem e ficar à espera e é um método que tem funcionado em pleno, quase sempre. As pessoas respondem em duas ou três horas e consigo fazer a entrevista.

5. P.G. Sou eu e o repórter de imagem, não temos produtor. Eu, eu sou jornalista, eu sou produtor, ou seja, eu faço tudo, o repórter de imagem, só filma edita. Eu sou jornalista e produtor, não temos delegação, a delegação é na minha casa. Eu faço trabalho em casa. Durante o agravamento da pandemia, com as entrevistas, muitas vezes eram feitas por *Skype*, o repórter de imagem estava na sua casa, eu faço tudo aqui, escrevo o texto, gravo o off, gravo a entrevista por *Skype* e envio tudo para o repórter de imagem para ele editar, depois é enviado para Portugal, isso foi feito no período mais crítico da Pandemia.

Eu como correspondente aqui no Brasil também faço toda a cobertura da América Latina, por exemplo, daqui já fui a Argentina fazer as eleições.

Atenção que eu sou correspondente de televisão e rádio também, por isso tenho um gravador de áudio, gravo o áudio aqui, tenho um programa de gravação e então envio para Portugal já tudo pronto, e lá eles têm que pintar a peça seguir o guião e montar. Envio para Portugal com o pivô de lançamento e fica tudo quase pronto.

Para a televisão fiz diretor via telemóvel, com um programa que nós temos, que é uma tecnologia nova, que é o *Helio Smart*, que é um programa incrível, com uma qualidade muito superior ao *Skype*, ao *Zoom*, com uma qualidade de imagem fantástica. Mas o problema aqui no Brasil é a Internet. Eu tenho o máximo de Internet que há, mas falha muito. Usamos também um falso direto, com o repórter de imagem junto, isso é utilizado para os programas gravados.

Diretos de casa faço vários, é da forma que estou a fazer agora, não temos escritórios, não temos estúdio. Faço diretos de casa, mais para os programas de informação, mais longos com mais interação, com perguntas.

6. P.G. O *Kit-correspondente* baseia-se basicamente no *Iphone*, numa lanterna boa de luz, microfone de lapela ligado ao *Iphone* e tripé especial para o telemóvel, em termos técnicos.

Esta Pandemia alterou mais uma questão, passamos a utilizar uma girafa de microfone, para mantermos dois, três metros do convidado. Usamos a girafa e alterações nas questões de higiene, como a bola do microfone protegida com um plástico e com álcool gel.

7. P.G. Neste período que estou no Brasil, aconteceu de tudo, questões políticas, queimadas na Amazônia, depois o Jorge Jesus veio para o Brasil, depois a Pandemia. Foi uma prova de choque violenta para qualquer correspondente. Mas é extremamente motivador, mas ao fim de um dia de trabalho, de um mês, um orgulho enorme.

Inicialmente eu observava o que acontecia na Europa em relação a Pandemia e fui tentando mentalizar. Por mais que uma pessoa tente imaginar o que poderia acontecer é impossível prever. Aqui somos surpreendidos todos os dias, a toda a hora e a todo o minuto.

Acho importante dizer que para um correspondente internacional, toda essa experiência acaba por ser um enorme privilégio em termos de jornalismo. Nunca mais se vai viver momentos como estamos vivendo e os próximos anos. Em termos profissionais considero-me um privilegiado viver estes momentos. Para quem é jornalista é um privilégio, sobretudo para aquilo que eu sou, um repórter, eu gosto de andar na rua, gosto do contacto, gosto de ir ao encontro das pessoas, não gosto de ser jornalista de redação, nunca fui. Já estive em vários países, em vários continentes, só não estive na guerra. Já estive na Venezuela, na Espanha, mas este momento, este período da Pandemia para qualquer jornalista é uma coisa que ninguém nunca mais vai esquecer, em termos profissionais, é histórico e sinto muito isso aqui no Brasil.

8. P.G. As ferramentas digitais são obrigatórias para o nosso trabalho, ajuda muito.

Eu aqui em dois anos no Brasil nunca fiz um direto para Portugal com satélite. Isto para dizer que são o último recurso. Não há tempo de contratar uma empresa de satélite, nem valores disponíveis no mercado para isso. Hoje temos uma qualidade extraordinária pelo digital. Todas as ferramentas que temos hoje são ruins para as empresas de satélite. Os correspondentes internacionais precisam ter cuidado com o orçamento. Os orçamentos não se podem estourar, ainda mais em período de crise.

Estas novas ferramentas são fantásticas, isso para nós é uma ajuda preciosa. Podemos imaginar que estou aqui e em meio minuto posso fazer um direto para Portugal, e isso é uma evolução impressionante e cada vez há de ser melhor, há de ser mais evoluído. Por outro lado, há a questão de cada vez mais tirar o trabalho de pessoas. Devemos pensar que o jornalista não é pau para toda a pele, nós não somos obrigados a sermos jornalistas, produtores, realizados e tudo mais. Nós somos jornalistas, escrevemos, fazemos o guião e falamos, mas não somos obrigados a saber pintar uma peça. A notícia é a imagem, não pode ser o repórter.

9. P.G. Bem, as grandes mudanças foram na obrigatoriedade da aprendizagem que eu tive que ter, com as redes digitais e com todo este mundo das novas tecnologias, isso foi um grande desafio que se põe um jornalista ao fim destes anos todos, numa realidade em que tudo muda permanentemente. Por exemplo, aquele programa que eu falei chamado *Helio Smart*, é um programa que surgiu há pouco tempo. É evidente que custamos a aprender, mas somos

obrigados a aprender. O grande desafio foi a aprendizagem e a obrigatoriedade de termos que trabalhar com estes novos métodos, se não, nós nunca iríamos evoluir em termos de trabalho, eu nem estaria aqui se calhar. Porque o correspondente tem que ir por este caminho. A tecnologia ajuda-nos muito no trabalho e faz com que o nosso trabalho também seja valorizado. Mas claro que há problemas, estamos longe de Portugal e a distância para estas questões técnicas é muito complicado. Hoje por exemplo, fiz uma peça para um telejornal e fiquei meia hora para conseguir enviar a peça para Portugal, por conta da Internet, isto é um desespero.

10. P.G. As ferramentas digitais são uma das melhores, se não a melhor ajuda que um jornalista pode ter nesta altura. As ferramentas ajudam os jornalistas, em tempos de Pandemia.

Imagina que poderia fazer uma peça hoje, por exemplo, dizer que morreram mais de três mil pessoas, a peça sem essas novas tecnologias, só chegaria amanhã, muito perto da hora em que sairia um novo número, ou seja, desatualizada, ficava desatualizada, estas a perceber? E essas ferramentas nesse aspeto são importantíssimas, porque ajudam a manter a atualidade ali na hora, no minuto, no segundo. A informação atualizada, isso é muito importante.

Questão intercalar pela pesquisadora: Você acredita que a noção de tempo mudou ao longo da sua carreira?

P.G. Muito, mas muito, agora é tudo para ontem, como a gente costuma dizer.

Apêndice 7.

Peterson Izidoro - Correspondente em Portugal - Rede TV - Brasil

(entrevista realizada por videoconferência, via Zoom, em 28 de abril de 2021)

1. P.I. Noventa por cento das ideias de pauta são uma varredura que eu faço, nas agências internacionais, principalmente da Europa Central para baixo, da Hungria para baixo, principalmente os jornais da França, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, então são cinco países que eu concentro, eu começo uma varredura nas agências internacionais. Diariamente eu sugiro cerca de três, a quatro assuntos para minha coordenação da televisão, em São Paulo. Dez por cento é a coordenação que sugere.

A Internet é primordial, e a partir dela você tem acesso aos canais de informação, as agências de notícias contratadas pela televisão, atualmente são a Associated Press e a *Agence France Presse* (AFP). A ferramenta primordial é a Internet, não há outro meio para que eu possa ter acesso aos jornais e às agências, no meu caso que tenho uma visão mais macro da notícia, já que minha notícia não está concentrada em Portugal, por essa razão a tecnologia é o meu braço direito, meu braço esquerdo, meu pulmão, meu tudo.

Utilizo a Internet pelo celular e pelo computador. Além da televisão que é essencial nesse processo, a televisão fica ligada desde quando eu acordo até quando eu termino o meu trabalho, em todos os canais de notícias, principalmente nos canais de notícias portugueses e no *Euronews*, que é um canal de notícias sediado na França, que faz um apanhado geral. Os canais de televisão a cabo de notícias são para mim primordiais junto com a Internet, fico na Internet e ao mesmo tempo ligado na televisão, eu não vejo a televisão, mas eu fico ouvindo as notícias.

2. P.I. Presenciais, nesse período, foi praticamente cem por cento presencial. Entrevista com instituições governamentais, as fontes oficiais e entrevistas com personagens. A partir de outubro eu comecei a utilizar as multiplataformas.

Para o trabalho de um correspondente macro, que eu falo sempre nesse sentido, ou seja, que fica sediado no país e cobre uma região, seja a Europa ocidental, que é o meu caso, seja Europa central, para os jornalistas que fazem isso, as agências internacionais têm um valor fundamental. Se as emissoras de televisão não tiverem contratos com as agências de notícias torna-se impossível cobrir uma região de forma macro. Por exemplo, é impossível estar em Berlim para fazer determinada cobertura, se estou sediado em Lisboa. Assim é são agências de notícias né, elas têm um papel importante. E as agências passaram a ter muito mais valor depois da Pandemia. A Comissão Europeia sediado em Bruxelas, a ONU (Organização das Nações Unidas) na Suíça, então para falar os assuntos de toda a região torna-se fundamental ter acesso as agências de notícia.

As agências disponibilizam imagens, entrevistas e inclusive a transcrição em inglês, mesmo das entrevistas em outros idiomas. Ou seja, todo esse processo de deixa o nosso trabalho muito mais ágil. Todo o conteúdo fica disponível em uma plataforma.

Sem as agências internacionais, o meu trabalho seria completamente limitado, limitado ao extremo. Durante a época de Pandemia, principalmente de março a agosto, tem países que

sofreram demais, a Itália e a Espanha, que foram os dois primeiros. Além disso houve o fechamento de fronteiras, então eu sediado em Portugal, não tinha como sair daqui para ir para outros países, para fazer uma reportagem. As agências de notícias contratam jornalistas, muitas vezes freelancer desses países e eles abastecem as agências isso para quem está fora daquela país é imprescindível. A tecnologia ganhou ainda mais importância nessa época de Pandemia, pelo fechamento das fronteiras. Eu não teria, por exemplo, como ter ido até a Itália, em abril (2020), onde foi o epicentro da Pandemia, exatamente como não teria possibilidades de ter ido até a Espanha em junho (2020), que foi o segundo país que mais teve casos. Eu não tinha como me deslocar, então a tecnologia veio ao encontro da minha necessidade, porque sem ela, eu estaria limitado, eu não teria, imagens, entrevistas e nada.

3. P.I. Todas as vezes que eu precisei entrevistar uma fonte oficial nesse período, no qual Portugal não tinha tanta restrição, foi fácil. Portugal começou a ter uma restrição muito severa em dezembro. Aí começou a fechar as fronteiras, e ter muito mais restrições. Então nesse período está se referindo, Portugal ainda era um bom exemplo e aqui estava controlada a pandemia. Tínhamos acesso ao ministério da saúde, mas em dezembro e janeiro já não tivemos mais esse acesso.

Não tenho produção, meu único parceiro hoje é a tecnologia, hoje e sempre. A tecnologia que me permite desenvolver e contar uma história, seja através das agências, seja da televisão. Não tenho uma produção que ligue para entrevistados, ou que possa gravar uma entrevista por *Skype*. Entre março e agosto de 2020, cerca de oitenta por cento das entrevistas foram realizadas utilizando as plataformas digitais e vinte por cento foram presenciais.

4. P.I. Trabalho sozinho e não houve mudanças.

5. P.I. Usei câmera, tripé, iluminação, microfone, celular e uma coisa que eu nunca tinha utilizado foram os equipamentos de proteção. Primeiro, uma vedação de microfone, mas é uma decisão pessoal, não foi uma obrigatoriedade. Tiveram situações em que usei uma câmera profissional, uma Canon e outras situações que usei o celular.

6. P.I. Não.

7. P.I. A primeira grande mudança foi a carga de trabalho, isso mudou da água para o vinho. Por exemplo, antes da pandemia, eu conseguia organizar um dia, entre às onze horas da manhã até às cinco horas da tarde. Com a Pandemia já não era possível. Trabalhando de casa a

carga horaria foi aumentando. Segunda mudança, foi a abrangência da notícia. Eu tinha que ter uma visão muito mais ampla, mais macro sobre os assuntos ligados à Pandemia. Precisei ter um olhar mais abrangente para os problemas relacionados ao vírus, nesse período.

Ao longo desse período a maior parte de apuração, produção e marcação das entrevistas sempre foram realizadas a partir de casa, com o auxílio das ferramentas tecnológicas, como telefone, *Whatsapp*, aplicativos de comunicação, e-mail e com o uso do *Skype* para entrevistar pessoas.

8. P.I. Impossível, primeiro pela minha estrutura de ser um correspondente sozinho para atender a União Europeia, leste europeu, Ásia, Oriente Médio e África, acabo pegando essas quatro regiões. Então seria impossível não depender da tecnologia e das ferramentas digitais para desempenhar o meu trabalho. E volto a dizer que foi muito interessante esse período em que tive esse olhar abrangente. Até então eu nunca tinha feito uma reportagem abordando cinco países, mas a partir de março colocava cinco, seis países em uma mesma reportagem. Então seria impossível fazer qualquer coisa sem as ferramentas tecnológicas, sem as agências de notícias, que abasteciam com informações, entrevistas, imagens, que são as três coisas primordiais. Embora a notícia, a informação em si, eu buscava em sites oficiais, como o Ministério da Saúde da Espanha, Departamento do Interior da Alemanha, Ministério de Administração da Itália, enfim, essas fontes oficiais, tudo graças a Internet. Percebi que naquele período inicial de epicentro da pandemia, eu entrava no site do Ministério da Saúde da Espanha, da França e tinha informações novas a cada minuto. Por exemplo, o jornal *Corriere della Sera* da Itália abastecia ao minuto, até hoje em sites portugueses tem Covid ao minuto, vão abastecendo com informações, claro que naquela época do início era muito mais.

9. P.I. Comecei em jornal impresso, peguei uma época muito diferente de hoje em dia, eu saía com uma câmera Pentax na rua para fazer reportagens. Naquela época, em 1995 se usava máquina de escrever, me refiro a um jornalzinho da minha cidade, em 1996 já fui para um jornal de Santa Catarina, do grupo RBS, uma empresa muito maior (afiliada da TV Globo), lá o processo já era mais profissional, tinha um fotógrafo que saía junto com a equipe, um motorista, mas ainda tinha digitador, *Pastap*, depois fui para a televisão.

Do interior para os grandes centros muda muito, você também passou por isso, tem profissionais preparados para fazer cada uma das funções, com boa iluminação, bom áudio, com som, tudo isso. Já em São Paulo no SBT a equipe tinha quatro pessoas, o iluminador que

cuidava da luz e do áudio, era o *cameraman* que cuidava da imagem, era eu que cuidava da informação, da notícia, e era o motorista que cuidava do trânsito. Tudo isso, para você ver a evolução do processo para se produzir uma notícia. E aí você acaba vendo o caminho inverso, quando você vira um correspondente internacional, nos dias de hoje.

Por exemplo, eu estou trabalhando sozinho, o repórter da TV Globo aqui em Portugal também está sozinho, a jornalista da agência de notícias Associated Press também, então eu não sei se é uma evolução, ou é uma regressão. Tu estas regredindo, é meio incoerente isso. A gente tende a procurar um crescimento profissional, que é um repórter, um correspondente internacional, mas lá na frente tu não tens uma estrutura, para enfrentar por exemplo, uma Pandemia, para enfrentar por exemplo, um período caótico, como foi o de março até agosto. Se eu tivesse um cinegrafista, um *cameraman* certamente ia me desafiar a ir para centros onde a situação foi muito mais crítica, por exemplo ia me permitir ir ao porto, uma vez que a Pandemia entrou em Portugal pelo porto, ela não começou em Lisboa, Portugal começou a ser devastada pela Pandemia pelo Porto, pela proximidade pela fronteira com a Espanha e pela Franca.

A falta de estrutura em uma função que todo mundo almeja, que é ser correspondente internacional, acabou de certa forma me atrapalhando de fazer uma cobertura melhor, não que tenha sido ruim. Quando eu trabalhei na Globo News em São Paulo, a equipe tinha três pessoas. Depois que fui para a Band TV eram dois, no SBT eram quatro pessoas, até 2016 foi assim. De lá para cá, houve uma redução drástica das equipes e não só no Brasil. Hoje no SBT as equipes só têm duas pessoas, na Band já é assim faz tempo e estamos falando de São Paulo, que é onde fica a cabeça de rede.

A tecnologia que me ajuda hoje, que faz como eu consiga desempenhar todo o meu trabalho sozinho hoje ela foi acumulando funções. Hoje eu produzo um VT, uma reportagem que vai ao ar com uma qualidade aceitável, usando uma boa luz, que eu tenho que ter uma boa luz, tenho que ter uma ótima câmera, tenho que ter um excelente tripé, se não a imagem sai tremida, tenho que ter um celular que me garanta uma retaguarda, caso me falhe, tenho que ter um microfone três pontas, um microfone reserva, e tudo isso eu tenho. Então esse *kit-correspondente* ele é o auge hoje da função de correspondente. Mas ao mesmo tempo ele é um vilão no que diz respeito a qualidade, porque é diferente quando as equipes têm profissionais para cada função, uma pessoa que usa um rebatedor de luz, alguém que controla a luz, um câmera (cinegrafista). Mas é claro que esse *kit-correspondente* veio para ajudar, claro que ele é ágil, não preciso depender de um colega repórter cinematográfico para fazer uma reportagem,

meu parceiro hoje está no meu quarto, está há um metro daqui, então eu ganhei tempo, com o avanço tecnológico, claro que eu ganhei tempo, não preciso mais depender de um carro, de uma autorização para sair da redação, um câmara para fazer um teste para ver se a câmara está boa, porque já sei como está a minha câmara, já sei como está o meu *kit*, o equipamento já está preparado, então eu ganhei tempo, um dos benefícios das ferramentas digitais, da tecnologia foi essa agilidade. Está tudo pronto, é só pegar a mala com o *kit*, o meu celular, está tudo pronto, corro para a notícia.

Acho que a cobrança em relação a qualidade ficou menor, hoje se eu enviar um material para a emissora de televisão que dê para usar, eles vão usar. Já em tempos atrás o mesmo tipo de material não era aceito, tinha que repetir, pedir para o cinegrafista refazer com o repórter, regravar, a qualidade da luz, do áudio eram mais cobradas.

10. P.I. É imprescindível e decisiva para produzir uma notícia, e essa notícia ser levada ao ar. Sem as ferramentas tecnológicas é impossível o correspondente trabalhar, justamente devido a uma redução de equipe, hoje só há escritórios de emissoras de televisão em grandes centros, como Londres e Nova Iorque, fora isso, já não se vê um escritório de televisão brasileira montado, eu não conheço, geralmente o escritório é a casa do jornalista. Tirando o caso da Record Europa, que já é uma emissora estruturada.

Sem a tecnologia o correspondente internacional não conseguiria fazer nada. Sem meu computador para ter acesso as agências de notícias, sem um bom programa de edição para já cortar as entrevistas, já enviar a reportagem pré editada, para a minha sede no Brasil, não teria como ser realizada a reportagem.

Apêndice 10. Carolina Cimenti - correspondente internacional TV Globo - Nova Iorque, EUA

Transmissão televisiva ao vivo a partir de casa, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pela jornalista



Apêndice 11. Carolina Cimenti - correspondente internacional TV Globo - Nova Iorque, EUA.

Transmissão televisiva ao vivo a partir da cobertura do prédio residencial da repórter, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pela jornalista



Apêndice 12. Carolina Cimenti - correspondente internacional TV Globo - Nova Iorque, EUA

Transmissão televisiva ao vivo a partir de casa, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pela jornalista



Apêndice 13. Daniela Santiago, correspondente internacional RTP - Espanha

Transmissão televisiva ao vivo de Madrid, Espanha, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pela jornalista



Apêndice 14. Pedro Sá Guerra, correspondente internacional RTP - Brasil

Transmissão em direto das ruas do Rio de Janeiro, Brasil, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pelo jornalista



Apêndice 15. Peterson Izidoro, correspondente internacional Rede TV - Portugal

Transmissão televisiva em direto a partir de casa, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pelo jornalista



Apêndice 16. Felipe Kieling, correspondente internacional TV Band - Reino Unido

Transmissão televisiva em direto a partir de casa, durante a pandemia de Covid-19

Fotografia cedida pelo jornalista

